

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS – TRADUTOR PORTUGUÊS-INGLÊS

CAMILA WISNIESKI HECK

**A REVISÃO DE TEXTOS TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS:
QUESTÕES PERTINENTES À REFLEXÃO E À PRÁTICA DO REVISOR TEXTUAL**

Porto Alegre
2018

Camila Wisnieski Heck

**A REVISÃO DE TEXTOS TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS:
Questões Pertinentes à Reflexão e à Prática do Revisor Textual**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português- Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizamari Rodrigues Becker

Porto Alegre
2018

Camila Wisnieski Heck

**A REVISÃO DE TEXTOS TRADUZIDOS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS:
Questões Pertinentes à Reflexão e à Prática do Revisor Textual**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras – Tradutor Português-Inglês – do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Letras.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elizamari Rodrigues Becker (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Erica Sofia Foerthmann Schultz (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Rozane Rebechi (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos à minha orientadora, professora Elizamari, pela parceria durante o desenvolvimento deste trabalho e por acreditar no meu tema de pesquisa desde nossa primeira conversa. Sua experiência na área foi fundamental para a confecção deste trabalho e muito importante para meu crescimento como acadêmica e profissional da área de Letras. Também agradeço à banca, Erica Schultz e Rozane Rebechi, por se interessarem pela temática, e a todos os professores do curso de Letras, que foram tão importantes na minha vida acadêmica. Agradeço a meus pais pelo apoio durante toda a graduação e por serem incentivadores constantes e incessantes de minha busca por conhecimento. Agradeço a meus amigos pela paciência e compreensão nos meses que antecederam a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Um texto mal escrito não passa credibilidade e é visto de forma negativa pelo leitor. A revisão textual é o processo por meio do qual o profissional revisor de textos identifica erros e inadequações e intervém de modo a melhorar a qualidade de um texto. Mais especificamente, no processo de revisão de textos traduzidos (TT), o revisor encontra problemas bastante característicos, como pontuação inadequada e falta de fluência na língua de chegada, ambiguidades, traduções literais que não funcionam, repetições indesejadas, entre outras inadequações, que comprometem a tradução e, conseqüentemente, o entendimento da mensagem original por parte do leitor. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo identificar alguns problemas com os quais o revisor de TT do inglês para o português se depara e propor alternativas para solucioná-los. Trata-se especificamente de textos técnico-científicos, uma vez que o gênero literário exigiria uma análise diferenciada. A discussão aqui realizada encontra fundamento em autores como Hurtado Albir (2001), Reuillard (2014), Carvalhal (1993) e em Mossop (2006), Coelho Neto (2013), Parra Galiano (2007), entre outros, pesquisadores consagrados nas áreas de tradução e de revisão textual, respectivamente, e cujas reflexões contribuíram para a abordagem aqui mobilizada. A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho consistiu em: seleção e apresentação de trechos de TT que apresentam os problemas elencados; identificação dos problemas; e proposição de sugestões para melhoria dos textos, acompanhadas de explicações de por que tais inadequações constituem um problema e de como as sugestões apresentadas podem proporcionar mais qualidade ao texto. Na análise, os problemas identificados são analisados com aprofundamento, e, nas considerações finais, ressalta-se a indispensabilidade do revisor, o profissional habilitado a intervir na redação de textos de modo a preservar a clareza, a adequação às normas da língua portuguesa e o entendimento da mensagem por parte do leitor.

Palavras-chave: Revisão de textos. Tradução inglês/português. Revisão de textos traduzidos. Textos técnico-científicos.

ABSTRACT

A poorly written text does not build credibility and is viewed in a negative way by the reader. Proofreading is the process in which the proofreader identifies errors and inadequacies and intervenes to improve the quality of a text. More specifically, when it comes to proofreading translated texts (TT), one may encounter recurrent problems, such as inadequate punctuation and lack of fluency in the target language, ambiguities of all sorts, awkward literal translations that sound funny, unwanted repetitions, among other inadequacies that compromise the translation and, consequently, the reader's understanding of the original message. In this sense, this paper aims at identifying some problems encountered by the proofreader of TT from English into Portuguese and proposing alternatives to solve them. Technical-scientific texts will be the focus of this paper, since the literary genre would require a differentiated analysis. The discussion here is based on authors such as Hurtado Albir (2001), Reuillard (2014), Carvalhal (1993), Mossop (2006), Coelho Neto (2013), Parra Galiano (2007), among other recognized researchers in the areas of translation and proofreading, respectively, and whose reflections contributed to the approach mobilized in this paper. The methodology consisted of selection and manual extraction of TT sections that showcase the problems listed; identification and categorization of the problems; and proposals for improvement of the excerpts, along with explanations of why such inadequacies may be a problem to the reader and how the suggestions made can provide more quality to the text. In the analysis section, the problems identified are analyzed in depth. In the final considerations, the indispensability of the proofreader is emphasized as the qualified professional to intervene in the writing of texts in order to preserve the clarity, the adequacy to the Portuguese language rules, and to ensure that the translation reflects the meaning of the original.

Keywords: Proofreading. English/Portuguese Translation. Proofreading of Translated Texts. Technical-scientific Texts.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 Tradução.....	12
2.2 A revisão de textos.....	14
2.3 A revisão de textos traduzidos.....	18
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 Seleção e apresentação de textos traduzidos.....	23
3.2 Identificação dos problemas	23
3.3 Propostas de intervenções/sugestões	25
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE TEXTOS.....	27
4.1 Repetição de advérbios e pronomes.....	27
4.2 Mistura de português com outras línguas.....	29
4.3 Ausência de artigo definido característica do inglês.....	30
4.4 Pontuação que não obedece às normas da língua portuguesa.....	32
4.5 Expressões pejorativas.....	34
4.6 Falta de fluidez em língua portuguesa.....	34
4.7 Traduções literais.....	36
4.7.1 <i>Traduções literais decorrentes de falsos cognatos.....</i>	<i>40</i>
4.7.2 <i>Traduções literais que resultam em ambiguidade.....</i>	<i>43</i>
4.8 Falta de correspondência entre expressões do inglês e do português....	44
4.9 Uso inadequado de pronomes demonstrativos.....	46
4.10 Problemas de regência.....	47
4.11 Uso excessivo do verbo “colocar”	48
4.12 Erros de tradução.....	50
4.13 Erros tipográficos.....	52
4.14 Cacofonia.....	54
4.15 Falta de correspondência de tempo verbal.....	56
4.16 Inadequações gerais em língua portuguesa.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

A revisão de textos traduzidos (TT) é uma das diversas áreas em que o profissional de Letras pode desenvolver seu trabalho. Trata-se de uma importante etapa do processo de tradução e revisão de textos, na qual o revisor identifica problemas de tradução e propõe sugestões para sua melhoria. A revisão de TT é um trabalho que requer habilidades específicas da parte do revisor, que assegurem o desenvolvimento de uma intervenção adequada e criteriosa. Ou seja, não se trata de escrever uma segunda tradução, mas de identificar possíveis inadequações na tradução e propor alternativas para sua solução, a fim de garantir um TT claro e fluente na língua de chegada.

Embora a revisão de textos na língua materna e a revisão de TT sejam trabalhos similares, é importante observar que estas são duas atividades diferentes. A revisão de textos na língua materna é o processo no qual o revisor identifica erros e inadequações em um único texto – aquele que está revisando – e trabalha para aprimorá-lo. Por sua vez, na revisão de TT, o revisor trabalha com pelo menos dois textos: o original e a tradução – esta última onde efetivamente desenvolverá seu trabalho. Portanto, enquanto na revisão de um texto em sua língua materna o revisor está trabalhando com apenas um autor (aquele do texto que revisa), quando se trata de revisar um TT, estará em contato com pelo menos dois níveis de autoria: o autor do original (ou autores, no caso de uma obra coletiva) e o tradutor. Assim, a revisão de TT exige constante cotejo entre original e tradução para que o revisor, entre outras finalidades, avalie a qualidade do TT produzido pelo tradutor, verifique se não há saltos de tradução (trechos que não foram traduzidos por possível distração do tradutor, como frases, parágrafos, dísticos e legendas de figuras, dados de quadros e tabelas) e, principalmente, identifique e proponha soluções para a melhoria de trechos problemáticos, que, como será discutido a seguir, podem ser de diferentes tipos.

Na revisão de um TT do inglês para o português, por exemplo, certos problemas específicos desse par de línguas são frequentemente encontrados, como erros gramaticais, falta de fluência em português, inadequações sintáticas,

repetição excessiva de advérbios. Portanto, revisar um TT do par inglês/português consiste não apenas em corrigir erros de digitação ou gramaticais, mas também em identificar e propor soluções para problemas de coesão (p. ex., uso inadequado de conectores), falta de fluência (ordem dos elementos na frase, que muitas vezes precisa ser alterada na tradução do inglês para o português, para proporcionar naturalidade do trecho na língua de chegada), expressões mal traduzidas, ou não traduzidas (isto é, se o texto em português usa expressões comuns desse idioma, em vez de simplesmente expressões traduzidas literalmente do inglês, que causam estranhamento ao leitor, por não serem legítimas na sua língua materna), bem como em identificar possíveis saltos de tradução e verificar se dados numéricos e unidades de medida foram traduzidos corretamente (não é incomum encontrar erros de tradução em dados como dosagens de medicamentos e estatísticas em geral).

Quando se trata de erros gramaticais, é importante lembrar que línguas diferentes têm regras diferentes; portanto, é dever do revisor garantir que o TT siga as regras da língua para a qual foi traduzido, sem apresentar resquícios do original. Por exemplo, um dos maiores problemas relacionados à gramática encontrados em TT é o emprego de pontuação inadequada. Como inglês e português apresentam algumas diferenças nas regras de pontuação, é responsabilidade do revisor assegurar que o texto em português esteja de acordo com a gramática do português, de modo que o TT não apresente resquícios da pontuação empregada na língua inglesa.

Outro problema muito frequente encontrado em TT do inglês para o português é a falta de fluência do texto em português, já que não é incomum encontrar traduções com fragmentações sintáticas, repetições (especialmente de pronomes e advérbios no par inglês/português), redundância, entre outras inadequações. Como será apresentado na seção de análise deste trabalho, há muitas construções sintáticas legítimas e adequadas em inglês que, no entanto, não funcionam quando traduzidas literalmente para o português, mesmo que a tradução esteja “correta” do ponto de vista gramatical. Uma das razões para isso acontecer é que o inglês é uma língua muito mais sintética quando comparado ao

português, e esse aspecto influencia o resultado de uma tradução. Raramente um texto traduzido não precisa de readequações sintáticas para que a mensagem original seja passada com clareza e coerência para a língua de chegada, o que, pode-se argumentar, está entre as principais atribuições do revisor de TT. Esses são apenas alguns exemplos de problemas que ocorrem com certa frequência em TT e que pretendo explorar neste trabalho.

É importante advertir que tais questões que exigem atenção do revisor, referidas neste trabalho como “problemas”, constituem problemas apenas no contexto do trabalho com textos técnicos e científicos, em oposição ao trabalho de revisão de textos literários, por exemplo, como poesia e/ou ficção. Textos técnicos e científicos, como é o caso daqueles que constituem as grandes áreas de ciências humanas, exatas, saúde, entre outras, são caracterizados pelo rigor científico. Isso significa que sua tradução deve ser o mais próximo possível do original, o que inclui o cuidado de traduzir corretamente números e dados estatísticos, como, por exemplo, dosagens de medicamentos, a prevalência de determinada doença em certo grupo de pessoas, bem como a atenção à correta tradução e padronização de termos técnicos, os quais, nesse contexto, são um aspecto característico de tais textos, já que se fazem presentes em tais obras do início ao fim. Textos literários, por sua vez, permitem maior liberdade ao tradutor, que pode imprimir seu próprio estilo ao TT (sem deixar de considerar, evidentemente, o estilo do autor da obra original); trata-se, portanto, de uma área mais subjetiva e que permite traduzir um mesmo trecho de formas diferentes mais do que permitiria um texto técnico ou científico. Neste trabalho, meu foco se concentra apenas na revisão de textos técnicos/científicos, já que o caráter informativo e o teor pragmático destes permitem que se faça observações mais reproduzíveis e menos contestáveis, das quais se pode extrair boas práticas e/ou recomendações genéricas que sirvam de base para o adequado polimento dos textos traduzidos. Já os textos criativos, emancipados do rigor científico e embalados na rede hermenêutica, são menos porosos ao tipo de reflexão que pretendo realizar neste trabalho. Além disso, em minha experiência como revisora editorial, tenho trabalhado com textos técnicos e científicos ao longo de sete anos,

período no qual venho observando os vários problemas que exigem a intervenção do revisor, os quais apresentarei neste trabalho.¹

Na busca de estudos e publicações relacionados à revisão de TT em geral e no par inglês/português, há uma diferença significativa entre o volume de pesquisas sobre esse assunto em relação àquele sobre revisão de textos na língua portuguesa. Se o número de publicações sobre este último assunto é pouco expressivo, aquele sobre revisão de TT é ainda menor. Entre os pesquisadores que se dedicaram a escrever sobre esse assunto, estão Mossop (2006) e Parra Galiano (2007), que escreveram especificamente sobre a revisão de TT e cujas contribuições para a área serão utilizadas neste trabalho para enriquecer a discussão. Hurtado Albir (2001), Reuillard (2014), Carvalhal (1993) e Azenha Júnior (1996) são pesquisadores que também têm a tradução, assim como a revisão de textos, como objeto de estudo. Suas contribuições para a área também serão utilizadas neste trabalho, como suporte às análises que pretendo desenvolver.

Considerando essa contextualização sobre a revisão de TT, meu objetivo neste trabalho é identificar os problemas mais frequentes com os quais o revisor de TT se depara e propor alternativas para solucioná-los. Para fazer isso, apresentarei exemplos de trechos com problemas de tradução e alternativas para deixá-los claros e compreensíveis aos leitores a quem se destinam. Os exemplos que apresentarei serão criações minhas feitas com base nos textos com os quais venho trabalhando como revisora de TT do inglês para o português. Todos os textos nos quais me baseei para fazer as adaptações passaram por tradução humana.

Ao propor uma análise desse tipo, pretendo contribuir para a formação do profissional revisor de textos que trabalhará com o par de línguas inglês/português, já que apresentarei exemplos de questões textuais que

¹ Para os propósitos deste trabalho, e a fim de não infringir as diretrizes de direitos autorais, bem como de não expor as obras com as quais trabalhei e seus respectivos tradutores, apresentarei, na seção de análise, exemplos de frases problemáticas adaptados com base em frases reais; eles não constituem, portanto, excertos de obras publicadas. São, em vez disso, criações minhas feitas com base em trechos que frequentemente chamam minha atenção durante meu trabalho de revisão de obras traduzidas do inglês para o português.

merecem uma apreciação mais cuidadosa por parte desse profissional, bem como alternativas para aprimorar o TT e, conseqüentemente, deixá-lo mais claro, compreensível e fluente para o leitor. Isso justifica a importância e atesta a relevância de se desenvolver estudos e pesquisas sobre esse assunto, uma vez que eles podem servir como uma referência confiável e que o revisor pode consultar durante seu trabalho, que, por sua natureza, requer constante pesquisa em fontes confiáveis – e a pesquisa acadêmica é uma delas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando se fala de revisão de TT, é importante lembrar que esse é um trabalho que reúne diferentes textos, anteriores àquele no qual o revisor desenvolve seu trabalho. A revisão de TT é o resultado final de um texto que já foi traduzido anteriormente, o qual, por sua vez, é resultado de um texto original, produzido em determinada língua estrangeira. Assim, antes de tratar especificamente do processo de revisão, cabe tecer algumas considerações sobre o trabalho do tradutor e sua responsabilidade perante o texto que produz. Para isso, em um primeiro momento, serão apresentadas, brevemente, algumas noções relacionadas à tradução e ao trabalho do tradutor. Em seguida, será abordada a revisão de textos e a de TT, desta vez de forma mais abrangente. A intenção é mostrar como essas duas atividades profissionais estão relacionadas, bem como apresentar os princípios que orientam o trabalho do profissional responsável pela revisão de TT.

2.1 Tradução

O processo de tradução pressupõe, de acordo com Hurtado Albir (2001), um processo de interpretação (isto é, cognitivo) e de comunicação, que consiste em dar uma nova expressão a um texto utilizando recursos de outra língua (processo linguístico) em um contexto social (sob certas condições sócio-históricas) e para um objetivo específico. Nesse sentido, um mesmo texto pode dar origem a diferentes traduções. De acordo com Hurtado Albir, tradução significa diferença; portanto, não se pode esperar que um mesmo texto seja traduzido da mesma forma por diferentes tradutores.

O que determina como o tradutor traduz um texto é a escolha que ele fará entre as diferentes interpretações possíveis de um texto de partida (o original). Nesse sentido, como afirma Reuillard (2014), todo tradutor é, portanto, "fiel" ao modo como ele mesmo interpreta o texto. Ainda de acordo com a autora, embora

cada tradução derive de um texto de partida único, produzido em outra língua e cultura, cada uma dessas traduções também é única e original. A razão para isso é que cada tradução resulta de níveis de compreensão, interpretação e das mais diversas escolhas, fundamentadas, *a priori*, na elaboração consciente de um projeto de tradução. Assim, considerando-se que não há apenas uma possibilidade de tradução, mas diferentes possibilidades de traduções de um mesmo texto, por exemplo, cabe ao tradutor avaliar a pertinência de suas escolhas para se certificar de que elas correspondem à intenção comunicativa do autor do texto de partida.

Essa possibilidade de diferentes traduções permeia, em geral, todos os tipos de textos. No entanto, existe uma grande variedade de textos, e, conseqüentemente, existem diferentes tipos de tradução. Cada gênero textual requer um modo de trabalhar e uma experiência diferenciada, o que implica diferentes especificidades e características de tradução, dependendo do gênero textual. Traduzir literatura, por exemplo, nas palavras de Carvalhal (1993), é um exercício de criação. Segundo a autora, toda tradução literária é uma das numerosas e possíveis versões de um texto de partida. Não se espera que a tradução seja idêntica, como se fosse uma reprodução fiel do texto de partida; em vez disso, trata-se da concretização de uma das diferentes possibilidades de ser desse texto. Por sua vez, pode-se afirmar que as traduções técnicas seguem um padrão, uma terminologia, uma característica que geralmente não aparece em um texto literário.

A tradução técnica é a tradução especializada de textos técnicos. O que define esse tipo de texto não é apenas o idioma especializado, mas o propósito, a aplicação e o público-alvo a quem o texto se destina. Nas palavras de Azenha Júnior (1996), a tradução técnica é um trabalho de ajuste fino, por assim dizer. Envolve leitura crítica; revisão terminológica por meio do acesso a bases de dados; consulta com especialistas do país e do exterior; estabelecimento de um estilo próprio na constituição de estruturas sintáticas; diálogo texto-imagem; formatação final. Assim, elementos técnicos como lexemas e palavras funcionais,

jargões e abreviaturas, símbolos, formatação, entre outros elementos característicos de textos especializados, fazem parte da tradução técnica.

Quando a tradução de textos técnicos não é precisa/acurada (característica não necessariamente intrínseca aos textos literários) ou não obedece às regras gramaticais e à padronização esperada, o público-alvo ao qual esses textos são direcionados os vê de maneira negativa. Além disso, qualquer erro, por mais simples que possa parecer (como o erro de tradução de um número), pode levar a grandes desastres se pensarmos em um texto de Farmacologia ou de qualquer área da Medicina, por exemplo. São especialmente essas questões que as próximas seções abordam, focadas no trabalho do revisor de textos.

2.2 A revisão de textos

Como mencionado anteriormente, a tradução e a revisão são dois processos inter-relacionados, no sentido de que o TT precede o revisado. No entanto, antes de abordar com mais aprofundamento a revisão de TT, é necessário definir o que é a revisão de textos. Assim, nesta seção, o trabalho do revisor será esquadrihado, a começar por oferecer uma explicação a respeito do processo de revisão de textos.

É possível encontrar diferentes definições acerca da revisão de textos, desde aquelas mais simplistas, que a encaram como uma atividade apenas de detecção e correção de erros gramaticais, até aquelas mais abrangentes, que consideram a revisão um processo complexo, que consiste no trabalho de um profissional da área da Linguística com vistas a aprimorar um texto – esta última, a que interessa a este trabalho. De acordo com Maria Coelho e Batista Antunes (2010), a revisão vai além da mera identificação e correção de erros e inadequações gramaticais; trata-se de um trabalho que envolve, da parte desse profissional, reconhecer-se responsável por assumir uma postura mais arrojada perante o texto com o qual trabalha. Assim, as autoras elencam quatro modalidades de revisão de um texto:

a revisão linguística, que trata de questões relacionadas aos aspectos gramaticais e ortográficos do texto; a revisão gráfica, que trata das questões relacionadas com a apresentação e com a composição visual e material do texto; a revisão normalizadora, que ajusta o texto às normas bibliográficas e editoriais; e a revisão temática, que verifica a propriedade e a consistência das formulações de um texto em função de um determinado sistema de conhecimento (MARIA COELHO; BATISTA ANTUNES, 2010, p. 206).

Em consonância com esse raciocínio, Guedes (2013, p. 4) afirma que

a revisão tem de compreender aspectos do texto com um todo, desde sua escrita até seu formato de apresentação. Todo texto deve ser submetido a uma correção ortográfica e de sintaxe, nas quais se deve observar a ortografia, a pontuação, o vocabulário e as repetições de palavras, as ambiguidades e outros vícios de linguagem, concordância, regência, colocação pronominal, abertura de parágrafos e coerência.

Na visão de Coelho Neto (2013, p. 58), o revisor de textos desempenha um papel imprescindível para que possa haver qualidade em um texto publicado. Afirma que

qualquer autor, por melhor que seja, comete erros, omite conceitos incoerentes, é repetitivo, fica cego às vezes a coisas absurdas que o seu texto contém. Essa incapacidade de “enxergar” é fruto comumente do seu contato diuturno e exaustivo com a criação. Faz-se, então, imprescindível a figura do revisor. É na revisão textual consciente, detalhista, competente, que o conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos erros ortográficos, aos erros conceituais, enfim, aos deslizos praticados pelo autor. Tudo, ressalte-se, é perfeitamente natural. O que não é natural: tanto a autoconfiança excessiva – de autores, de donos de gráfica, de diagramadores – como o conseqüente, melhor dizer inconseqüente, ato de prescindir do revisor.

Compreende-se, dessa forma, que revisar um texto é um trabalho minucioso e uma fase indispensável do processo de escrita e posterior apresentação ou publicação de um texto, uma vez que quem escreve pode não ter o necessário conhecimento da língua que garanta um texto de qualidade. Ainda, mesmo que o escritor tenha boa redação e alcance a textualidade pretendida, que

utilize frases objetivas e parágrafos articulados e que não cometa erros ortográficos ou sintáticos, existem minúcias que podem escapar de sua percepção em razão, por exemplo, de seu contato intenso e prolongado com a elaboração de suas ideias e transposição destas para o texto. O revisor, então, é o profissional que mostra ao autor tanto erros crassos como detalhes de outra forma invisíveis por parte de quem escreve.

Coelho Neto (2013) ressalta que o revisor atua como aquele que pode aprimorar um texto, dado que esse profissional está envolvido em um processo no qual lhe foram delegados poderes para que tome decisões linguísticas competentes a fim de imprimir qualidade ao material que revisa:

o leitor não tem poderes para interferir no texto, mas o papel do revisor é proativo – ele age sobre o texto. Daí a necessidade de o revisor trafegar com intimidade e conhecimento de causa pelos conceitos para elaboração de um bom texto, pela sua análise, pelo ato de recorrer a todos os instrumentos que dão suporte a quem quer escrever bem, assim como recorrer a outros que lhe deem subsídios (COELHO NETO, 2013, p. 93).

Ao se referir aos instrumentos normalmente utilizados no processo de revisão, Coelho Neto (2013) afirma que os dicionários constituem fonte indispensável de consulta, sejam eles convencionais (de significados), etimológicos, enciclopédicos, jurídicos, entre outros, dependendo da natureza do texto com o qual o revisor trabalha. Outro instrumento – embora não seja propriamente físico – necessário para o trabalho de revisão de textos é a padronização, tanto de forma como de conteúdo, ou seja, a busca de uniformização de detalhes do projeto gráfico de um livro, por exemplo, e de determinados termos presentes no texto. No caso da revisão de um livro, é responsabilidade do revisor conhecer os padrões adotados pela editora para a confecção do livro – palavras a serem evitadas, termos preferíveis em detrimento de outros, uso de minúsculas e maiúsculas, de recursos como negritos e itálicos, siglas e abreviaturas, entre outros. Pode-se considerar a normalização um tipo de padronização, pois ela representa o conjunto de aspectos que devem ser

observados e seguidos em publicações científicas. Segundo Rother (2007, p. 225-226),

A normalização, como atividade reguladora, unifica formatos, procedimentos, favorece e facilita o registro, a transferência das informações para os meios impressos e/ou eletrônicos e permite a recuperação mais efetiva de documentos em sistemas de informação, além de garantir uma padronização que facilita o uso e a disseminação de seu conteúdo.

Normalizar é, então, submeter à norma; portanto, constitui normalização a observância de aspectos extrínsecos, intrínsecos e da linguagem de uma publicação. Os aspectos extrínsecos são aqueles referentes à apresentação física da publicação – por exemplo, a redação e a composição de legendas, sumário, registro do ISSN (no caso de publicações seriadas, como revistas científicas, relatórios, entre outras) ou do ISBN (no caso de livros) seguem diferentes normas, que garantem a identidade e a uniformidade da publicação. O mesmo ocorre com os aspectos intrínsecos, que dizem respeito à observância da aplicação das normas nos resumos, nas citações dentro do texto, nas referências bibliográficas e na correta identificação dos autores da publicação. Por fim, a linguagem também constitui elemento de normalização. Nas palavras de Rother (2007, p. 225-226), ao se referir à publicação de revistas médico-científicas,

É fundamental que a redação seja clara, concisa e obedeça às regras da língua em que está escrita. Publicar na língua de origem ou em outra língua deve ser estimulado, mas em ambas as regras devem ser corretamente empregadas. O uso de um bom dicionário e da gramática, a obediência à nomenclatura científica, à nomenclatura anatômica e às normas e padrões oficiais de abreviaturas são fatores que, combinados com os anteriores, darão credibilidade à revista, atingirão nível adequado para atrair a colaboração dos melhores pesquisadores nacionais e permitirão que sejam indexadas nas diversas fontes de referência existentes.

Dessa forma, fica evidente que o cuidado com a padronização e a normalização é essencial para que haja unidade, identidade e confiabilidade por parte da obra em questão. Em especial, no caso de TT, o revisor deve estar atento

a detalhes característicos desse tipo de texto, como possíveis saltos², posicionamento de dísticos³, grafia de termos técnicos, entre outros aspectos que costumam estar presentes em TT, os quais serão abordados com mais detalhes a seguir.

2.3 A revisão de textos traduzidos

Para dar continuidade ao que foi apresentado até aqui, esta seção se concentra na relação entre tradução e revisão, destacando os princípios que norteiam o trabalho do revisor de TT. Entretanto, antes de descrever esses princípios, cabe tecer algumas considerações sobre a necessidade de revisão de um TT. Mossop (2006, p. 17) faz uma reflexão bastante elucidativa a esse respeito:

Por que é necessário que alguém diferente do escritor ou do tradutor verifique um texto e, talvez, faça alterações antes de disponibilizá-lo aos leitores? [...] Em primeiro lugar, é extremamente fácil escrever frases estruturadas de tal modo que os leitores as entenderão de maneira diferente da pretendida ou, então, que terão dificuldade em entender. Em segundo lugar, é fácil, ao escrever, esquecer dos possíveis leitores e escrever algo que não é apropriado para eles ou para o uso que eles farão do texto. Terceiro, um texto pode não seguir as normas linguísticas de uma sociedade, ou regras de tradução, ou regras de escrita de determinado gênero. Por fim, o que o autor ou tradutor escreveu pode estar em conflito com o que a editora deseja comunicar. Para lidar com esses problemas, revisores e editores alteram textos de duas formas: eles corrigem e melhoram. O editor ou revisor é um guardião, que *corrige* o texto para que ele esteja de acordo com as regras linguísticas e textuais da sociedade e alcance os objetivos da editora. O editor ou revisor é também um terapeuta da linguagem, que *melhora* o texto para garantir a facilidade de

² Em traduções, salto é a omissão não intencional de frases, parágrafos ou elementos como figuras e tabelas do original para a língua de chegada. No contexto editorial, é uma das atribuições do revisor apontar essas supressões no texto, que é, então, enviado novamente ao tradutor, a fim de que complete a tradução.

³ Dístico é qualquer elemento que compõe figuras, quadros ou tabelas – por exemplo, palavras dentro de um gráfico, expressões inseridas em figuras, etc.

processamento mental e sua adequação para os futuros usuários (tradução nossa, grifos do original).⁴

Assim, para Mossop, editar ou revisar não é simplesmente “dar uma olhada” no texto. Há aspectos específicos que esses profissionais buscam na sua leitura, pois um texto pode apresentar inúmeras falhas. Apenas para citar algumas, Mossop (2006) aponta os erros tipográficos; a falta de padronização no estilo de títulos e subtítulos; a presença de contradição entre um trecho e outro; a necessidade de ler a mesma frase duas ou três vezes para conseguir entendê-la; a dificuldade de entender a que pronomes como “isso” ou “ele” se referem; a presença, no texto, de muitas palavras e expressões que alguns leitores provavelmente não entenderão, por não terem um conhecimento tão específico do assunto como tem o autor do texto; a falta de conformidade do texto com o gênero no qual se enquadra – por exemplo, se se trata de uma receita, o texto não começa com uma lista de ingredientes, o modo de prepará-la está descrito de forma muito vaga; se se trata de uma narrativa, é difícil acompanhar a sequência de eventos.

Assim, a revisão de TT é uma atividade orientada por alguns princípios e parâmetros, que permeiam o trabalho do profissional revisor. De acordo com Parra Galiano (2007), a premissa básica para revisar uma tradução é entender o trabalho de tradução. Essa premissa faz parte de um grupo que reúne outros aspectos, aos quais a autora chama de princípios e parâmetros que norteiam a revisão de TT, que serão apresentados a seguir.

Entender o trabalho de tradução significa que, antes de empreender sua tarefa, é importante que o revisor tenha a mais completa informação possível

⁴ No original: *Why is it necessary for someone other than the writer or translator to check a text, and perhaps make changes, before it is sent off to readers? [...] First, it is extraordinarily easy to write sentences that are structured in such a way that readers will misunderstand or have difficulty understanding them. Second, it is easy, while writing, to forget about the future readers and write something which is not suited to them or to the use they will make of the text. Third, a text may fail to conform to society's linguistic rules, or rules for translating, or rules for writing in a particular genre. Finally, what the author or translator has written may conflict with what the publisher wants to convey. To deal with these problems, revisers and editors amend texts in two ways: they correct and they improve. The editor or reviser is a gatekeeper, who corrects the text so that it conforms to society's linguistic and textual rules and achieves the publisher's goals. The editor or reviser is also a language therapist who improves the text to ensure ease of mental processing and suitability of the text for its future users.*

sobre os aspectos que cercam a produção de uma tradução, como propósito, público-alvo e possível disseminação da tradução; circunstâncias relacionadas com a produção do texto original (autor, data, finalidade, tipo de texto); e tempo disponível para revisão. Outro princípio, subsequente a este, tem a ver com uma tarefa que precede a revisão propriamente dita: a leitura do TT como se fosse um texto originalmente escrito na língua de chegada.

Ler o TT como se fosse um texto originalmente escrito na língua de chegada agiliza o processo de revisão – pode-se ler o texto completo ou amostras dele buscando-se assumir o papel de leitor (em oposição ao papel do revisor) do TT. Esse procedimento ajuda o trabalho do revisor na medida em que dá uma ideia mais geral de como o texto está escrito. Se o revisor tiver que retornar ao original, isso indica que a tradução não está cumprindo sua função, ou seja, promover uma comunicação eficaz. Esses princípios são seguidos por outro que também é mais focado no trabalho que precede a revisão propriamente dita, que é definir a modalidade e o grau de revisão que o TT exige. Para tomar essa decisão, o revisor deve considerar a encomenda de tradução, o tempo disponível para realizar a revisão, a experiência e a qualificação do tradutor e o conhecimento que ele (revisor) tem para realizar a tarefa.

Parra Galiano (2007) propõe quatro modalidades de revisão: 1) revisão de conteúdo, que deve ser realizada por um especialista na área do texto (p. ex., para textos traduzidos na área de Psiquiatria, é necessário que um profissional da área verifique a correspondência de terminologia entre a língua de partida e a língua de chegada); 2) revisão de linguagem, que deve ser feita por um revisor linguístico; 3) revisão funcional, que verifica se o TT cumpre sua função, considerando seus leitores, o que deve ser feito por um revisor-tradutor; e 4) revisão da apresentação do texto, realizada por um revisor tipográfico.

Os próximos princípios sugeridos por Parra Galiano (2007) referem-se mais ao processo de revisão propriamente dito: minimizar as modificações no texto traduzido e justificar as correções. Por exemplo, dependendo do tempo disponível para realizar seu trabalho, o revisor deve definir o tipo de melhoria que fará no TT. Se o tempo é escasso, o revisor deve se ater a corrigir erros, em oposição a

sugerir alternativas aos trechos que poderiam ser reescritos para parecerem mais naturais na língua de chegada, por exemplo. Além disso, o revisor deve saber justificar quaisquer correções ou melhorias feitas, sejam elas solicitadas pelo cliente ou não. Caso contrário, ele corre o risco de perder sua voz e autoridade no trabalho que realiza.

Por fim, Parra Galiano (2007) propõe um último princípio: a responsabilidade do revisor de decidir sobre a qualidade do TT. O revisor é responsável por decidir sobre a qualidade da tradução, especialmente nos casos em que o tradutor nem sempre tem a oportunidade de discutir com o cliente as correções feitas. No entanto, há casos em que há diálogo entre tradutor e revisor; em tais ocasiões, o tradutor pode assumir a responsabilidade pelas mudanças e, conseqüentemente, pela qualidade final do TT.

Juntamente com esses princípios, é possível acrescentar um raciocínio defendido por Reuillard (2014), pois ele serve como complemento ao que foi apresentado até agora sobre a revisão de TT. Segundo a autora, assim como o aprendizado da tradução exige a aquisição e o desenvolvimento de uma competência tradutória, que se baseia em várias subcompetências, aprender a revisar traduções também requer a aquisição de uma subcompetência específica. Com ela, o revisor deve aprender a ler a tradução, abstraindo sua própria versão, e colocar-se no lugar do profissional que a produziu; caso contrário, ele substituirá o texto que está revisando pela sua própria versão. Em outras palavras, Reuillard nos lembra de que todo texto, independentemente de ser um texto original ou uma tradução, tem autoria, e a autoria não deve ser "corrompida" por uma revisão; ou seja, o revisor deve fazer suas intervenções com o cuidado de não comprometer o estilo impresso pelo primeiro produtor do texto, seja ele autor ou tradutor.

Em consonância com o que postula Reuillard, o *Manual Grupo A de publicação* (2011, p. 32) recomenda aos tradutores que desenvolvam seu trabalho respeitando-se as regras gramaticais da língua portuguesa,

segundo o conteúdo original e reproduzindo o estilo do autor. Isto é, se o "tom" do livro for informal, assim também deverá ser o da tradução. Não confunda estilo com erro. Muitas vezes, os autores

não escrevem bem no seu idioma. Isso [o erro] não deve ser reproduzido, e sim a ideia do autor.

Quanto às atribuições do revisor de traduções, o mesmo Manual (2011, p. 33) recomenda revisar “todo o texto em seus aspectos gramaticais e estilísticos, tendo o cuidado de corrigir traduções muito literais (com o auxílio do original, procure reestruturar frases confusas)”. No caso de o revisor não entender trechos muito confusos ou resolver dúvidas, a recomendação é marcá-los no próprio texto e questionar, de modo que ou o editor responsável pela obra ou o tradutor verifiquem essas questões.

Dadas essas considerações sobre a tradução e a revisão de TT, e tendo em vista o objetivo deste trabalho, a próxima seção detalha os procedimentos adotados para seu desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

Considerando o objetivo deste trabalho, a metodologia que orientará seu desenvolvimento seguirá os passos apresentados a seguir.

3.1 Seleção e apresentação de textos traduzidos

O primeiro passo para o desenvolvimento deste trabalho envolve selecionar e apresentar trechos de TT do inglês para o português que apresentam problemas que requerem a intervenção de um profissional revisor de textos. Para fazer isso, vou avaliar o acervo digital de TT com os quais trabalhei durante minha experiência como revisora até o momento (um período que compreende sete anos) e selecionar alguns deles de acordo com os critérios apresentados anteriormente. Ou seja, selecionarei textos que foram traduzidos do inglês para o português que apresentam trechos com os problemas mencionados nas seções anteriores deste trabalho, como falta de fluência em português; pontuação que não obedece à gramática normativa da língua portuguesa; repetição desnecessária de termos; expressões originalmente usadas em inglês que foram apenas traduzidas literalmente para o português, sem a certeza de que a expressão é legítima em nosso idioma; entre outros problemas. Todos esses TT serão analisados em comparação com os textos originais correspondentes (em inglês). No entanto, a fim de não infringir as diretrizes de direitos autorais, bem como de não expor as obras com que trabalhei e seus respectivos tradutores, os textos que apresentarei e analisarei serão criações minhas feitas com base nos exemplos dessas obras. Farei adaptações nos textos originais de forma que elas reflitam o problema encontrado e que requer a intervenção de um revisor.

3.2 Identificação dos problemas

Após selecionar os textos que serão analisados, identificarei os trechos específicos que apresentam os problemas mencionados anteriormente e farei as

adaptações necessárias para preservar os direitos autorais dessas obras. Explicitarei em que ponto específico do trecho estão os problemas e por que exatamente eles constituem um problema e precisam de intervenção da parte de um revisor de textos. Utilizarei como principais referenciais teóricos a terceira edição do *Manual Grupo A de publicação* (2011) e trabalhos de autores como Mossop (2006) e Pinker (2016), obras que em geral darão o respaldo para constatações feitas a respeito dos problemas identificados nos textos. Em conjunto com essas obras, também utilizarei dicionários da língua inglesa (*Cambridge, Merriam-Webster, Oxford*) e recomendações de gramáticos para explicar os ajustes feitos nos textos. Assim, recomendações de Cegalla (1999) e Nogueira (2013), bem como de manuais de estilo, como o *Manual of the American Psychological Association* (2012) e o *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo* (1997), complementarão as justificativas para alguns dos ajustes feitos nos TT.

O *Manual Grupo A de publicação* foi elaborado pela editora Grupo A. Ele tem o objetivo de buscar a constante qualificação e consolidação do padrão de publicações da Editora junto aos principais envolvidos na criação de suas obras, sejam autores, tradutores ou revisores. Trata-se de uma obra que, assim como o *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*, também serve como um guia para o revisor e que oferece orientações sobre como intervir na revisão dos textos.

Essas publicações, em conjunto com as mencionadas anteriormente, serão utilizadas para dar respaldo tanto à identificação de problemas encontrados nos textos quanto à escolha de possíveis intervenções para solucionar tais problemas. Além dessas obras, minha experiência como revisora também será um recurso que ajudará no desenvolvimento deste trabalho. Algumas traduções, por exemplo, apresentam problemas recorrentes, o que me permitiu construir um conhecimento que me ajuda a fazer intervenções apropriadas em um texto traduzido do inglês para o português. Por exemplo, a seguinte frase (com as devidas adaptações) apareceu em um livro da área de Psiquiatria que foi traduzido do inglês para o português:

O caso de Peter é importante, pois mostra como alguns membros da família, muitas vezes, viram um olho cego para comportamentos inadequados dos filhos.

O trecho original é:

Peter's case is important because it shows how some family members often turn a blind eye to their children's inappropriate behavior.

A frase traduzida para o português é problemática porque o trecho original apresenta uma expressão que não pode ser simplesmente traduzida de forma literal, pois não faz sentido em português. Qualquer falante nativo de português terá sua leitura interrompida ao se deparar com o trecho "virou um olho cego", o que comprometerá, conseqüentemente, o fluxo de leitura. A expressão "virar um olho cego" não existe em português; é, portanto, um problema de tradução que requer a intervenção do revisor. O revisor terá que acessar o texto original e verificar o que deu origem a tal tradução. Ao identificar que no original a expressão é *to turn a blind eye*, o revisor entenderá que a tradução mais adequada para o português é "fazer vista grossa".

3.3 Propostas de intervenções/sugestões

Como ilustrado pelo exemplo apresentado anteriormente, após identificar o problema na tradução, o revisor fará sua intervenção no texto, a fim de deixá-lo claro e garantir que transmita uma mensagem que seja compreensível para o leitor. Portanto, depois de apontar os diferentes tipos de problemas que pretendo analisar neste trabalho, explicarei por que eles são um problema e proporei algumas intervenções, para que o texto traduzido possa ser lido sem maiores obstáculos e seja claro para o leitor, como mostrado no exemplo anterior.

Como o objetivo deste trabalho é identificar alguns dos problemas mais comuns que o revisor de TT do inglês para o português encontra em seu trabalho e propor alternativas para resolvê-los, há alguns resultados que espero alcançar.

Pretendo apresentar uma quantidade considerável de exemplos de textos problemáticos do ponto de vista linguístico, bem como explicar por que esses problemas precisam da intervenção de um revisor. Do mesmo modo, espero poder explicar de forma clara e fundamentada, utilizando as fontes que reuni, as alternativas para resolver os problemas encontrados nesses textos.

Se esses resultados esperados forem alcançados, o estudo que farei aqui pode ser de utilidade para profissionais revisores de textos, uma vez que constituirá uma fonte de pesquisa para seu trabalho. Espero que os problemas que apresentarei sejam exemplos de textos que os revisores encontram em seu dia a dia. Nesse sentido, ao se depararem, neste estudo, com questões semelhantes às encontradas em seu trabalho com TT, os revisores terão nesta pesquisa uma referência para auxiliá-los em seu trabalho.

Contudo, como qualquer pesquisa que pretende analisar um assunto específico, este trabalho apresenta algumas limitações. Considerando que toda pesquisa é um recorte de uma infinidade de possibilidades, como vou trabalhar apenas com um par de línguas – inglês e português –, é muito provável que o alcance deste trabalho não seja tão vasto como poderia, visto que é cada vez maior o número de obras de outras línguas que vêm sendo traduzidas para o português. Outra limitação é que, como analiso neste trabalho apenas textos técnicos, este não é um estudo que ajude tanto revisores de textos literários, pois questões que podem ser um problema em textos técnicos podem não o ser nos literários (como a repetição, por exemplo, que pode ser uma característica desejada em textos literários e definir o estilo do escritor/tradutor). Essa limitação, no entanto, não dispensa a leitura deste estudo por revisores de textos literários, uma vez que é possível que algumas questões que apresentarei possam ser um problema também nesse gênero textual.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE TEXTOS

Nesta seção, apresento e analiso exemplos de textos que merecem atenção por parte do revisor, por conterem problemas que precisam de alternativas para que sejam preservados a clareza, a adequação às normas da língua portuguesa, o entendimento por parte do leitor, entre outros aspectos, explorados com mais detalhes ao longo desta seção. Para tanto, a apresentação dos trechos problemáticos seguirá uma categorização, elaborada considerando-se as diferentes naturezas de problemas que normalmente estão presentes em textos traduzidos do inglês para o português. Trata-se de uma categorização seletiva, e não exaustiva (ou que obedeça a alguma ordem de frequência), dos problemas que aparecem em TT.

4.1 Repetição de advérbios e pronomes

A língua inglesa utiliza com muita frequência uma quantidade significativa de advérbios e pronomes em um mesmo parágrafo ou até em uma mesma frase. Essa característica não desqualifica nem torna necessariamente o texto ou a leitura nesse idioma repetitivos.

No caso dos advérbios, temos, em inglês, apenas para citar alguns exemplos, *rarely*, *often*, *daily*, *quickly*, *seldom*, *exactly*, entre outros. Como se pode observar, grande parte desses advérbios – mas nem todos – termina em *-ly*: trata-se de um sufixo curto, de apenas duas letras e que, portanto, não causa incômodo quando de sua repetição em uma mesma frase. No entanto, diferentemente do inglês, na língua portuguesa esses advérbios em geral são traduzidos utilizando-se o sufixo *-mente* – um sufixo com o dobro do “tamanho” comparado ao do inglês. De modo específico, faço referência aqui aos advérbios demarcados por essa terminação (*-mente*), aplicáveis às circunstâncias que expressam modo. Assim, caso sejam utilizados dois ou mais advérbios em um mesmo trecho em

português, a leitura se torna cansativa e monótona, criando-se uma espécie de cacofonia. Vejamos os exemplos:

Original: *This condition often causes pain and parents rarely seek medical help to treat their children properly.*

Tradução: Essa condição frequentemente causa dor, e os pais raramente procuram ajuda médica para tratar seus filhos adequadamente.

Apesar de haver três advérbios na frase em inglês (*often*, *rarely* e *properly*), pode-se perceber que a leitura do trecho flui sem dificuldades. Não são expressões compridas e não causam cansaço na leitura. Além disso, apenas duas delas terminam em *-ly*. No entanto, em português, tais advérbios foram traduzidos usando-se a terminação *-mente*, o que deixa a leitura de uma frase relativamente curta bastante cansativa, além de causar um eco desagradável e tornar o texto pesado e arrastado. Em português, há algumas alternativas para resolver o problema da repetição. É possível substituir esses advérbios terminados em *-mente* por expressões como *em geral*, *costuma...*, *com frequência*, *de modo...*, entre outras, dependendo do contexto. Essas opções eliminam o sufixo *-mente* e mantêm o sentido original. A leitura do trecho apresentado, portanto, fica mais concisa e agradável fazendo-se estas modificações na forma de traduzir os advérbios:

Tradução revisada: Essa condição costuma causar dor, e os pais raramente procuram ajuda médica para tratar seus filhos de modo adequado.

Já em relação à repetição de pronomes, também característica da língua inglesa, uma alternativa possível em português é sua simples omissão. O exemplo a seguir ilustra como a repetição impacta na leitura:

Original: *We'll cover the problem in the first part of the article. Next, we will discuss relevant authors and, finally, we will conclude the analysis in the final considerations.*

Tradução: Nós abordaremos o problema na primeira parte do artigo. A seguir, nós discutiremos autores relevantes e, por último, nós concluiremos a análise nas considerações finais.

Diferentemente do que ocorre em inglês, a repetição de pronomes não é adequada nem desejada em língua portuguesa. Ela é desnecessária e prejudica a leitura, assim como a repetição de advérbios do exemplo anterior. Nesse caso, a simples omissão dessas três ocorrências do pronome é uma alternativa útil para resolver o problema:

Tradução revisada: Abordaremos o problema na primeira parte do artigo. A seguir, discutiremos autores relevantes e, por último, concluiremos a análise nas considerações finais.

4.2 Mistura de português com outras línguas

É recorrente encontrar alguns termos da Medicina que, ao serem traduzidos, são grafados metade na língua original e metade em português, o que não é conveniente nem necessário, já que a língua portuguesa registra, salvo algumas exceções (como expressões como *bullying*, um anglicismo – tipo recorrente de empréstimo linguístico), seu próprio registro de tais termos. Exemplo:

Original: *In most cases, angina pectoris is caused by atherosclerosis.*

Tradução: Na maioria dos casos, a angina pectoris é provocada pela aterosclerose.

Tradução revisada (1): Na maioria dos casos, a angina de peito é provocada pela aterosclerose.

Tradução revisada (2): Na maioria dos casos, a angina pectoris é provocada pela aterosclerose.

Em casos como esse, cabe o bom senso antes de redigir um termo metade em português, metade na língua original (nesse caso, em latim – *pectoris*), bem como a consulta a dicionários ou glossários da área do texto para verificar a forma mais adequada de traduzir expressões como a apresentada no exemplo. Como na literatura médica se utiliza tanto “angina de peito” como *angina pectoris* (na forma em latim), ambas são opções adequadas para a frase em português, em vez de misturar os dois idiomas (*angina pectoris*).

4.3 Ausência de artigo definido característica do inglês

Assim como a repetição de advérbios e pronomes, a ausência de artigo definido no início de frases em inglês é uma característica desse idioma em muitos casos, como, por exemplo, em generalizações, com nomes de materiais, refeições, bebidas, alimentos, esportes, horas e dias da semana, nomes de doenças, substantivos abstratos, entre outras circunstâncias. O exemplo a seguir ilustra um desses casos:

Original: *Bronchitis is an infection resulting from the inflammation of the lining of the lungs. Symptoms include a cough, wheezing, sore throat, and blocked nose and sinuses.*

Tradução: Bronquite é uma infecção resultante da inflamação do revestimento dos pulmões. Sintomas incluem tosse, chiado, dor de garganta e nariz entupido.

Tradução revisada: A bronquite é uma infecção resultante da inflamação do revestimento dos pulmões. Os sintomas incluem tosse, chiado, dor de garganta e nariz entupido.

Na língua inglesa, como mencionado, não se usa o artigo definido antes de nomes de doenças, assim como antes de nomes de ruas, jogos, idiomas, etc. No entanto, essa ausência do artigo deve ser corrigida para o padrão da língua portuguesa, tendo em vista tornar a leitura do texto mais agradável e fluida, como indicado na tradução revisada. Vale observar que isso ocorre somente com o artigo definido e que parte da explicação de haver essa diferença entre inglês e português reside na própria natureza de gênero do substantivo: o inglês tem só um tipo de artigo definido – *the* –, enquanto no português temos dois – *o* e *a*. Além disso, eles também variam em número (singular e plural – *os* e *as*), ao passo que no inglês isso não ocorre. Em inglês, os substantivos são precedidos pelo artigo definido quando o orador acredita que seu interlocutor já sabe ao que ele se refere. Pode haver muitos motivos para isso: utiliza-se *the* para se referir a algo mencionado anteriormente (p. ex., *There's a position available in my company. The job involves some international travel*); em frases ou orações que definem ou identificam uma pessoa ou objeto particular (p. ex., *He is the professor I came to see*); para se referir a pessoas ou objetos únicos (p. ex. *The sun rose at 6:11 this morning*); antes de superlativos e números ordinais (p. ex. *This is the fifth time I have called you today*); com adjetivos para se referir a um grupo de pessoas (p. ex., *The poor require special attention*); entre outras situações.

No entanto, como mencionado anteriormente, em muitas outras situações há omissão do artigo definido em inglês. Além dos casos já citados, também há supressão do artigo definido com nomes de países (p. ex., *Japan is an important economic power*), refeições (p. ex., *Breakfast is my favorite meal*), pessoas (p. ex., *Paul is coming over later*), títulos honorários seguidos por nomes (p. ex., *President Kennedy was assassinated in Dallas*), profissões (p. ex., *Architecture is a well-paid career*), nomes de lojas (p. ex., *Can you go to Zara for me?*), substantivos incontáveis (p. ex., *Milk is often added to tea in England*), nomes específicos de montanhas, lagos e ilhas (p. ex., *She lives near Abraham Lake*), além da maioria dos nomes de cidades, ruas, estações e aeroportos (p. ex., *They're flying into LAX*). Vale observar que essas são recomendações gerais e que, em certos casos, dependendo do contexto e do sentido pretendido, elas podem sofrer

adaptações, além de haver, também, questões estilísticas envolvidas. Portanto, sempre que o português “pedir” o artigo definido, como ocorre na maioria dos exemplos citados e no exemplo de tradução apresentado, deve-se inseri-lo na tradução. Sua omissão na língua portuguesa ocorre apenas em contextos específicos ou com sentidos muito particulares, como em manchetes jornalísticas (p. ex., “Consumidores se queixam de produtos irregulares”) e quando se pretende generalizar alguma situação (p. ex., “Exercício físico faz bem à saúde”). Há, ainda, os casos facultativos de uso do artigo definido em português, como com nomes próprios: “Paula pediu para falar com você” ou “A Paula pediu para falar com você”, este último utilizado em contextos menos formais. Além disso, existem as diferenças regionais desse uso, como ocorre no Sul e no Sudeste do Brasil (costuma-se usar o artigo de maneira geral na referência a pessoas) e no Nordeste (região em que não se usa artigo definido nesses casos).

4.4 Pontuação que não obedece às normas da língua portuguesa

Apesar de a língua inglesa e a língua portuguesa apresentarem similaridades nas regras de pontuação, em alguns casos, a tradução para o português precisará de uma reorganização para que apresente uma pontuação correta. É relativamente comum encontrarmos em inglês trechos como o apresentado a seguir e traduções que seguem esse raciocínio:

Original: *The Catcher in the Rye* by Salinger (1951) discusses these issues in some detail.

Tradução: O apanhador no campo de centeio de Salinger (1951) discute essas questões com mais detalhes.

Cabem duas considerações a respeito dessa tradução. A primeira é que, apesar de a omissão de vírgulas ser comum na língua inglesa em casos como esse, a reprodução também sem vírgulas em português não é aceitável. Trata-se

de um caso de aposto, sendo obrigatório o uso de vírgulas. As vírgulas deixam claro que a obra citada é da autoria de Salinger. Ainda, da forma como o trecho foi traduzido, um leitor desatento ou que simplesmente não está familiarizado com a obra de Salinger poderia pensar que o título do livro retratado no trecho é “O apanhador no campo de centeio de Salinger”. E isso leva à segunda consideração: tanto em inglês como em português, convencionou-se grifar nomes de obras em itálico, aspas ou negrito, isto é, algum tipo de grifo aceito convencionalmente. Portanto:

Tradução revisada: *O apanhador no campo de centeio*, de Salinger (1951), discute essas questões com mais detalhes.

Feitos os devidos ajustes no trecho, percebe-se que o uso do itálico (grifo) permite distinguir o nome da obra do restante da frase. Ainda, cabe observar a diferença quanto ao uso de maiúsculas e minúsculas nos títulos de obras em inglês e português. Enquanto no primeiro todas as palavras que compõem o título estão grafadas em letra maiúscula, no segundo, apenas a primeira letra da primeira palavra está em maiúscula. Isso ocorre porque, de acordo com a norma das línguas germânicas (o caso do inglês), o uso das maiúsculas está vinculado à classe a que pertencem as palavras que formam o título da obra. Assim, além da primeira letra do título (não importa a qual classe pertença essa palavra), os substantivos, adjetivos, numerais, verbos e pronomes têm a sua primeira letra grafada em maiúscula, e o restante das palavras, em minúscula (CARVALHO, 2016?). Já no caso das línguas latinas, como o português, o Acordo Ortográfico de 1990 recomenda que a primeira letra do título de livros seja escrita em maiúscula e as restantes em minúscula; a exceção está no caso de alguma das palavras exigir a letra maiúscula (p. ex., nomes próprios) (CARVALHO, 2016?).

4.5 Expressões pejorativas

Como recomenda o *Manual Grupo A de publicação* (2011), em traduções do inglês, na referência a pessoas, deve-se ter cuidado para não utilizar expressões que possam ser pejorativas, preconceituosas ou eufemísticas. Deve-se evitar, por exemplo, traduções como esta:

Original: *The number of colored people attending the conference was greater than the number of caucasian.*

Tradução: O número de peessoas de cor que participaram da conferência foi maior que o número de caucasianos.

De acordo com o *Manual* (2011, p. 45), uma opção de tradução para um trecho como seria a inserção de uma nota de rodapé para a expressão *colored people*: “*Colored people*, nos Estados Unidos, refere-se aos afro-americanos, latino-americanos, porto-riquenhos e, genericamente, a todos aqueles que não são oficialmente classificados como ‘brancos’”. Ainda, a recomendação é traduzir *caucasian* como “branco”, em vez de como “caucasiano”. Dessa forma, uma tradução mais adequada seria:

Tradução revisada: O número de *colored people** que participou da conferência foi maior que o número de brancos.

* (nota de rodapé com a explicação apresentada anteriormente)

4.6 Falta de fluidez em língua portuguesa

É comum observar traduções do inglês que, embora corretas do ponto de vista sintático, acabam prejudicando a leitura em português devido à falta de fluidez e naturalidade nesse idioma. Por exemplo:

Original: *The reading program should be sure to include an emphasis on the development of comprehension skills.*

Tradução: O programa de leitura deve incluir uma ênfase no desenvolvimento das competências de compreensão.

Embora correta do ponto de vista sintático, essa tradução poderia ser mais enxuta, a fim de tornar a leitura mais agradável e fluida. “Incluir uma ênfase” não é uma expressão comumente usada em português. Assim, uma opção de tradução para esse trecho seria:

Tradução revisada: O programa de leitura deve ênfatizar o desenvolvimento das competências de compreensão.

Assim, um dos aspectos que prejudicam a fluidez de uma frase é o emprego de palavras desnecessárias. De acordo com Pinker (2016, p. 132), é preciso saber reconhecer essas palavras:

Quando você se impõe a tarefa de identificar as palavras desnecessárias, é surpreendente a quantidade que consegue encontrar. Um número impressionante de frases que escapam facilmente por entre os dedos saem inchadas de palavras que atrapalham o leitor sem veicular conteúdo algum.

Outro exemplo de emprego de palavras desnecessárias na tradução pode ser visualizado no seguinte trecho:

Original: *Educational gaming can be an engaging method to teach children about maintaining their health in an online environment.*

Tradução: Jogos educativos podem ser um método envolvente para ensinar as crianças sobre manter sua saúde em um ambiente *on-line*.

A manutenção do equivalente em português de *about* (sobre) não se justifica nesse contexto. Então:

Tradução revisada: Jogos educativos podem ser um método envolvente para ensinar as crianças a manter sua saúde em um ambiente *on-line*.

Pinker (2016, p. 135) é enfático ao apontar as diferentes possibilidades de expressar ideias sem fazer uso de palavras desnecessárias:

Vários tipos de palavreado são eternos alvos da tecla “deletar”. Verbos leves como *make, do, have, bring, put* [fazer, ter, tomar, colocar]* nada mais fazem do que abrir espaço para um substantivo zumbi, como em *make an appearance* e *put on a performance* [fazer uma aparição, ter uma atuação]. Por que não usar, em primeiro lugar, os verbos que deram origem aos substantivos, como *appear* ou *perform* [aparecer, atuar]? Uma sentença que começa com *It is* ou *There is* [É..., Há...] é frequentemente candidata à lipoaspiração: *There is competition between groups for resources* [Há disputa entre os grupos pelos recursos] funciona tão bem quanto *Groups compete for resources* [Os grupos disputam recursos] [...] *Os verbos do português que traduzem esses exemplos funcionam eventualmente como verbos leves – *fazer a feira, ter dor de cabeça, levar um papo, colocar uma hipótese*; mas há em português outros verbos leves com uso bem mais frequente, como *dar (uma recompensa, uma bronca, uma saída), tomar (banho, café, cuidado)* etc. (grifos do original)

Em traduções para o português, trata-se, portanto, de prestar atenção a esses casos em que a omissão de uma palavra do original beneficie a fluidez na língua de chegada, preservando-se a naturalidade do idioma.

4.7 Traduções literais

De certa forma associadas à falta de fluidez em língua portuguesa, as traduções literais de um trecho ou expressão, quando se mostram ineficazes, devem ser evitadas, mesmo que seja necessário ampliar e explicitar. Por exemplo:

Original: *An individual may hear so much on all sides about the wrongness of stealing that he may become extremely careful to avoid even the appearance of stealing.*

Tradução: Um indivíduo pode ouvir falar tanto, de todos os lados, sobre o erro de roubar que pode se tornar extremamente cauteloso para evitar até mesmo a aparência de roubar.

Tradução revisada: Um indivíduo pode ouvir falar tanto, de todos os lados, sobre o erro de roubar que pode se tornar extremamente cauteloso para evitar até mesmo situações em que pareça estar roubando.

A tradução revisada é mais adequada porque oferece uma ideia mais clara a respeito do que o indivíduo hipoteticamente evitaria na situação apresentada pelo exemplo.

O exemplo apresentado a seguir também mostra uma tradução muito literal, que não deixa claro o significado da expressão em português. São apresentadas duas opções de revisão da tradução:

Original: *Some facial expressions may be universal, such as fear, disgust, and happiness. Some are enhanced or suppressed by social consequences (the poker face).*

Tradução: Algumas expressões faciais podem ser universais, como medo, nojo e felicidade. Algumas são aprimoradas ou suprimidas pelas consequências sociais (p. ex., a “cara de pôquer”).

Tradução revisada (1): Algumas expressões faciais podem ser universais, como medo, nojo e felicidade. Algumas são aprimoradas ou suprimidas pelas consequências sociais (p. ex., a “cara de paisagem” / ou “cara de blefe”).

Tradução revisada (2): Algumas expressões faciais podem ser universais, como medo, nojo e felicidade. Algumas são aprimoradas ou suprimidas pelas consequências sociais (p. ex., *poker face* – fisionomia inexpressiva).

Poker face significa rosto sem expressão, impenetrável. É um termo que derivou do jogo de pôquer e passou a ser usado de forma geral para se referir à expressão adotada por esses jogadores: não demonstrar nenhuma emoção, esconder os verdadeiros sentimentos. Traduzir a expressão de forma literal pode

não ser muito efetivo porque talvez alguns leitores não saibam o que ela significa. Dessa forma, uma alternativa é usar uma expressão equivalente em português, mais informal, como “cara de paisagem”, já que se pode entender que mantém o tom de informalidade imprimido pelo próprio uso de *poker face* no original. Outra opção é traduzir mantendo-se o termo original e adicionando-se uma breve explicação em seguida, na forma de outra expressão, como “fisionomia inexpressiva”, o que representa uma tentativa veicular o conceito em português da maneira pretendida pelo original.

A seguir, outro exemplo de tradução muito literal, cujo significado pode ser difícil de entender:

Original: *Disney World was thrilling but not fun to me. I remember constantly looking over my shoulder to make sure my sister was following... I had heard stories of autistic children getting lost in crowds and recovered by police.*

Tradução: A Disney World foi emocionante, mas não uma diversão para mim. Recordo de constantemente olhar por cima do ombro para me certificar de que minha irmã estava me acompanhando... Eu tinha ouvido histórias de crianças autistas que se perdiam na multidão e eram encontradas pela polícia.

O significado de *look over one's shoulder*, de acordo com o Merriam-Webster Dictionary (2018), é “se preocupar ou pensar na possibilidade de algo ruim acontecer, de alguém causar mal etc.” (tradução nossa).⁵ Assim, uma tradução literal como “olhar por cima do ombro” não recupera esse sentido, além de poder causar estranhamento para quem lê o trecho em português, já que essa expressão não faz parte de nosso idioma em contextos como o retratado. Uma tradução mais adequada para esse contexto é necessária, e uma das opções para esse trecho é apresentada a seguir:

Tradução revisada: A Disney World foi emocionante, mas não uma diversão para mim. Recordo de constantemente tomar bastante cuidado para me certificar de

⁵ No original: *to worry or think about the possibility that something bad might happen, that someone will try to cause harm, etc.*

que minha irmã estava me acompanhando... Eu tinha ouvido histórias de crianças autistas que se perdiam na multidão e eram encontradas pela polícia.

A construção “tomar bastante cuidado” é mais aceitável porque está de acordo com a definição de *look over one’s shoulder*. Assim, aumenta-se a probabilidade de o leitor entender rapidamente o que está sendo retratado no trecho, diferentemente do que poderia ocorrer com a tradução literal, em que alguns leitores podem fazer uma pausa para tentar compreender o que a expressão quis dizer ou até reler o trecho para tentar entendê-la.

Ainda sobre esse exemplo, cabe outra consideração: a tradução de *autistic children*. Ainda que o trecho original use a expressão dessa forma, não é recomendável reproduzi-la assim, pois se referir a qualquer pessoa como “autista” soa pejorativo e carregado de estigma. Uma opção mais adequada e sensível a esse aspecto é “pessoa com autismo”, pois o foco está na pessoa que tem uma doença, e não na pessoa que é caracterizada pela doença, como a expressão “autista” evoca. Essa orientação é apresentada de forma clara no *Publication Manual of the American Psychological Association (6th ed.)*, que recomenda: “Não reduza uma pessoa ou um grupo de pessoas a uma condição (p. ex., os *dementes*, os *autistas*). Em vez disso, identifique os participantes primeiro como pessoas (p. ex., *pessoas com demência*, *pessoas com autismo*)”⁶ (APA STYLE, 2018, tradução nossa, grifos do original). Assim, uma alternativa para o exemplo apresentado anteriormente, após os devidos ajustes em sua redação, pode ser:

Tradução revisada: A Disney World foi emocionante, mas não uma diversão para mim. Recordo de constantemente tomar bastante cuidado para me certificar de que minha irmã estava me acompanhando... Eu tinha ouvido histórias de crianças com autismo que se perdiam na multidão e eram encontradas pela polícia.

O exemplo discutido a seguir ilustra outro caso de tradução literal. Algumas expressões parecem já ter alcançado consagração em português mesmo que

⁶ No original: *Don’t reduce a person or group of people to a condition (e.g., the demented, the autistic). Instead, identify participants first as people (e.g., people with dementia, people with autism).*

sejam uma tradução literal advinda do inglês, tamanha é a frequência com que aparecem em textos escritos. Um exemplo é a palavra “incluindo”, que parece ser a opção (inadequadamente) mais escolhida pelos tradutores para *including* do inglês. Vejamos:

Original: *Several countries, including Brazil, will attend the event next year.*

Tradução: Vários países, incluindo o Brasil, participarão do evento ano que vem.

Tradução revisada: Vários países, inclusive o Brasil, participarão do evento ano que vem.

Apesar de essa tradução ser muito comum, há que se observar que existem opções mais adequadas, como “inclusive”, “entre eles”, “entre os quais”, etc. Essas escolhas soam melhor porque não são traduções literais e porque evitam o chamado “gerundismo”, usado excessivamente em contextos que não o requerem – por que usar uma palavra com sufixo “ando” ou “indo” quando existem outras opções que podem veicular o sentido pretendido de forma mais precisa e direta?

4.7.1 *Traduções literais decorrentes de falsos cognatos*

A série de exemplos a seguir mostra outros casos de traduções literais, desta vez decorrentes de falsos cognatos.

Original: *These difficulties can be seen in older children in English class with novels or short stories that focus on feelings and details of communication.*

Tradução: Esses problemas podem ser vistos em crianças mais velhas nas aulas de Inglês com novelas ou histórias curtas que focam em sentimentos e detalhes da comunicação.

Tradução revisada: Esses problemas podem ser vistos em crianças mais velhas nas aulas de Inglês com romances ou contos que focam em sentimentos e detalhes da comunicação.

Como pode ser observado, um falso cognato – *novel* – levou a uma tradução literal inadequada, e, apesar de *short story* não se classificar como falso cognato, também induziu ao erro no caso apresentado. Para que a ideia do trecho original seja entendida da forma pretendida, a tradução deve reproduzir a mensagem que o autor desejou comunicar, ou seja, a explicitação de dois gêneros literários diferentes – romance e conto. A tradução literal falha nesse sentido, pois reduziu dois conceitos importantes a duas palavras que não os exprimem.

Os próximos quatro excertos tratam de uma palavra em inglês que é frequentemente traduzida de forma distante da ideal. Trata-se da expressão *eventual*, que em português pode corresponder a final, posterior, último; inevitável, conseqüente, decorrente, resultante; dependendo do contexto.

Original: *Our political representatives are heading towards eventual defeat.*

Tradução: Nossos representantes políticos estão rumando para a derrota eventual.

Tradução revisada: Nossos representantes políticos estão rumando para a derrota final.

Original: *The eventual effects of overdose can be lethal.*

Tradução: Os eventuais efeitos da *overdose* podem ser letais.

Tradução revisada: Os efeitos decorrentes da *overdose* podem ser letais.

Original: *She was terrified at the prospect of her eventual nervous breakdown.*

Tradução: Ela estava aterrorizada com a perspectiva de seu eventual colapso nervoso.

Tradução revisada: Ela estava aterrorizada com a perspectiva de seu inevitável colapso nervoso.

Original: This wrong move led to the eventual collapse of the country.

Tradução: Essa medida equivocada levou ao eventual colapso do país.

Tradução revisada: Essa medida equivocada acabou levando ao colapso do país.

Eventual não é “eventual” em português, que significa algo que é incerto, que pode ou não acontecer ou que ocorre de vez em quando. As palavras em inglês que podem veicular essas ideias são *accidental, occasional, casual, fortuitous*. Assim, no primeiro exemplo apresentado, a tradução inadequada do falso cognato resultou em uma mensagem completamente diferente da veiculada no original, qual seja, a de que a derrota seria derradeira, definitiva. No segundo e no terceiro casos, também houve alteração do sentido pretendido pelo original, isto é, o de se referir aos efeitos que se originam da *overdose* e o de que o colapso nervoso não poderia ser evitado, respectivamente. No quarto exemplo, *eventual* está sendo empregado para veicular a mensagem de que a medida equivocada foi o que, no fim, provocou o colapso do país, e não como foi traduzido. Portanto, é preciso estar atento às diferentes possibilidades de tradução de *eventual*; é responsabilidade do revisor de TT identificar as traduções inadequadas e apontar as alternativas para assegurar uma mensagem equivalente à pretendida pelo original. No caso de dúvida a respeito de qual é o sentido desejado, são bem-vindos comentários direcionados ao tradutor ou ao autor do original – quando estes forem acessíveis –, que poderão solucionar possíveis hesitações por parte do revisor diante das inúmeras possibilidades de tradução, dependendo do contexto em que *eventual* estiver empregado.

Outra palavra que é frequentemente traduzida de forma distante do significado original é *virtually*, que em português não significa “virtualmente”, mas “praticamente”, ou seja, “perto”, “quase”. É muito comum encontrar traduções como esta:

Original: *Virtually all children, without special instruction, come to speak the language spoken around them by the age of two.*

Tradução: Virtualmente todas as crianças, sem instrução especial, acabam falando a língua que ouvem ao seu redor por volta dos 2 anos.

Tradução revisada: Praticamente todas as crianças, sem instrução especial, acabam falando a língua que ouvem ao seu redor por volta dos 2 anos.

Novamente, o revisor não pode se furtar a intervir nessa redação. Além de não comunicar o sentido original, “virtualmente”, nesse contexto, não faz o menor sentido, o que torna obrigatória uma intervenção.

4.7.2 *Traduções literais que resultam em ambiguidade*

Uma das “armadilhas” de traduzir um texto de forma muito literal é a grande chance que essa prática tem de levar a textos ambíguos. Muitas vezes, o texto original, em inglês, não apresenta ambiguidade. Entretanto, ao ser traduzido para o português, ela acaba aparecendo, em virtude de se reproduzir os elementos da frase na exata – ou quase exata – ordem em que aparecem no original. Por exemplo:

Original: *Ana is a 35-year-old executive officer of an academic institute with a 6-year-old son, Paul.*

Tradução: Ana é uma executiva de um instituto acadêmico de 35 anos com um filho de 6 anos, Paul.

A ambiguidade gerada pela tradução é: quem tem 35 anos? Ana ou o instituto acadêmico? A tradução manteve praticamente todos os elementos da frase original na mesma ordem e não funciona em português. A única forma de resolver a ambiguidade é recorrer ao texto original para entender a mensagem que se pretendeu veicular. Assim, observa-se que 35 anos é a idade de Ana, e não do instituto. Alguns rearranjos simples na tradução, feitos pelo revisor, conseguem veicular uma mensagem clara e fácil de ser compreendida:

Tradução revisada: Ana tem 35 anos e é executiva de um instituto acadêmico; tem um filho de 6 anos, Paul.

Sobre a ambiguidade, Pinker (2016, p. 150-151) assinala:

Para cada ambiguidade que causa inesperadamente riso ou ironia, deve haver milhares que geram simplesmente confusão. O leitor precisa esquadrihar várias vezes a sentença para descobrir qual dos dois sentidos o escritor tinha em mente, ou pior, pode ficar com o sentido errado, sem perceber. [...] E para cada ambiguidade que produz uma interpretação coerente (mas diferente da esperada) da sentença como um todo, deve haver milhares que atrapalham o leitor, forçando-o a voltar atrás e a reanalisar algumas palavras.

Assim, deve-se ter o cuidado de desfazer qualquer ambiguidade que possa decorrer de uma tradução, mesmo que essa impressão seja momentânea e se desmanche com a leitura mais atenta do texto. É preciso considerar que ler é uma tarefa trabalhosa e que, portanto, reler o mesmo trecho mais de uma vez por conta de um duplo sentido não pretendido pelo autor do original pode ser bastante inconveniente.

4.8 Falta de correspondência entre expressões do inglês e do português

Inglês e português apresentam diversas expressões diferentes, e nem sempre elas têm o mesmo significado para os falantes dessas línguas – o que pode ser uma brincadeira para os norte-americanos, por exemplo, pode ser ofensivo para os brasileiros. Vejamos um exemplo a seguir, em um trecho que relata a experiência de uma mãe cujo filho tem autismo:

Original: *We recall one parent who came up to us at a conference to tell us how well her teenage son was doing. He had gotten very interested in social skills development and was indeed doing much better, although he had to learn to sort out some of the language he learned from the typical peers. His mother laughingly reported how he had come across one of his old teachers in a park and ran up to*

greet her, saying loudly, “Hi, Mrs. Smith. I am so happy to see you. How ya doing, you old whore!”

Tradução: Recordamos de uma mãe que veio até nós em uma conferência para contar como seu filho adolescente estava se saindo. Ele havia se interessado muito pelo desenvolvimento de competências sociais e de fato estava se saindo muito bem, embora tivesse que aprender a compreender melhor quando utilizar algum linguajar que aprendeu com os pares típicos. Sua mãe relatou, aos risos, como ele agiu quando encontrou uma de suas antigas professoras em um parque e correu para cumprimentá-la, dizendo em alto e bom som: “Oi, Srta. Smith. Estou feliz em vê-la. Como vai, sua velha piranha?”.

Entende-se que o tradutor quis manter o sentido original da fala do garoto, mas é preciso lembrar que se trata de uma tradução para o português e que, portanto, as expressões normalmente usadas em inglês podem causar estranhamento para quem está lendo o texto em português, principalmente se a pessoa não tiver conhecimento da língua estrangeira. Pelo contexto, compreende-se que a intenção do garoto não foi insultar a professora, mas, ainda assim, a tradução literal em português pode soar agressiva em nosso idioma, já que mesmo em situações descontraídas, a fim de provocar o riso, ela não costuma ser utilizada pelos falantes brasileiros com esse objetivo. Por isso, cabe uma intervenção no trecho em português, e uma alternativa possível é tentar suavizar um pouco a fala do garoto, utilizando-se uma expressão mais utilizada pelos adolescentes brasileiros em contextos como o descrito:

Tradução revisada: Recordamos de uma mãe que veio até nós em uma conferência para contar como seu filho adolescente estava se saindo. Ele havia se interessado muito pelo desenvolvimento de competências sociais e de fato estava se saindo muito bem, embora tivesse que aprender a compreender melhor quando utilizar algum linguajar que aprendeu com os pares típicos. Sua mãe relatou, aos risos, como ele agiu quando encontrou uma de suas antigas professoras em um

parque e correu para cumprimentá-la, dizendo em alto e bom som: “Oi, Srta. Smith. Estou feliz em vê-la. Como vai, sua louca?”.

A expressão “sua louca” tem sido bastante utilizada por jovens em conversas descontraídas, a fim de fazer alguém rir ou simplesmente mostrar que se está sendo amigável. Como se pode perceber, em casos como esse, é importante estar atento à questão temporal, já que expressões estão constantemente passando por mudanças – algumas aparecem de repente e passam rapidamente a fazer parte do vocabulário de um grupo de pessoas (no caso apresentado, do grupo de adolescentes), outras começam a ser menos usadas e a cair no esquecimento, e assim por diante. Portanto, é fundamental ter ciência das expressões que estão sendo usadas em determinado período, para garantir que seja escolhida uma opção de tradução que tenha correspondência com a utilizada no original, assim como é indispensável estar familiarizado com – ou pesquisar – a linguagem utilizada pelo grupo etário que está sendo retratado no texto, a fim de estabelecer a equivalência adequada no contexto apresentado.

4.9 Uso inadequado de pronomes demonstrativos

Em traduções do inglês para o português, é preciso estar atento aos diversos papéis que os pronomes demonstrativos *this* e *that* (e as formas no plural) podem desempenhar em determinado contexto. Por exemplo, quando usados em uma frase na qual antecedem dois-pontos, a tradução precisa levar em consideração se se trata do uso de catáfora, que é geralmente o caso:

Original: *The books I want are these: science fiction, novel, and the art book.*

Tradução: Os livros que quero são esses: o de ficção científica, o romance e o livro de artes.

Tradução revisada: Os livros que quero são estes: o de ficção científica, o romance e o livro de artes.

“Esse”, “este” e “aquele” (e as outras formas no feminino e no plural) são pronomes que podem ser empregados como recursos de coesão textual, como ilustra o exemplo. Em língua portuguesa, as regras que determinam as formas como eles devem ser utilizados nos textos são mais rígidas que em inglês. No original, o pronome *these* está funcionando como elemento catafórico, pois está sendo empregado para fazer referência a algo que será apresentado em seguida. Nesse caso, a única opção de tradução é “estes”, já que “esses” é elemento anafórico, ou seja, faz referência a algo que já foi apresentado no texto – por exemplo, adaptando-se a frase do caso apresentado, “esse” poderia ser utilizado na tradução apenas se estivesse retomando algo que já havia sido dito, como no caso de *The science fiction, the novel, and the art book. These are the books I want*. Como se pode observar, em inglês, não há necessariamente variação no termo empregado nesse contexto. *These* (ou *this*, caso fosse no singular) funciona como elemento tanto anafórico como catafórico. No entanto, em português, é preciso deixar essa diferença explícita: “O de ficção científica, o romance e o livro de artes. São esses os livros que quero”.

4.10 Problemas de regência

Alguns verbos em português têm uma regência que pode não ser tão conhecida pelos falantes quanto a regência de outros, e isso pode ocorrer porque a regência correta é pouquíssimo utilizada, em detrimento da forma errada, a qual muitos podem acreditar ser a correta, pelo fato de ser muito mais comum de ser observada. O exemplo a seguir ilustra um desses casos:

Original: *She gave birth to a healthy, middleweight boy.*

Tradução: Ela deu a luz a um menino saudável, com peso na média.

Tradução revisada: Ela deu à luz um menino saudável, com peso na média.

A expressão correta é “dar à luz”. Se houver complemento, emprega-se sempre com objeto direto, sem preposição, como mostra a tradução revisada.

4.11 Uso excessivo do verbo “colocar”

Muitas traduções do inglês para o português usam “colocar” sempre que aparece o verbo *put* e seus derivados (como *put on*). Isso acaba gerando um uso excessivo e inadequado de “colocar” em detrimento de outros verbos, muito mais adequados a algumas situações. O significado de “colocar” é “pôr em algum lugar”; assim, esse verbo deve ser a escolha somente quando a frase em questão tiver esse sentido. Caso contrário, deve ser utilizado o verbo que melhor especifique a ação que está acontecendo. Os exemplos a seguir mostram como há verbos muito mais adequados e específicos que podem ser utilizados. Mesmo que a tradução de *put* seja “colocar”, escolher um verbo que melhor expresse o significado pretendido entre tantas opções existentes na língua portuguesa confere mais precisão, qualidade e elegância à tradução:

Original: C.S. Lewis put this especially well in his book *The Chronicles of Narnia*.

Tradução: C. S. Lewis coloca essa questão de forma especialmente clara em seu livro *As crônicas de Nárnia*.

Tradução revisada: C. S. Lewis aborda essa questão de forma especialmente clara em seu livro *As crônicas de Nárnia*.

Original: *Express yourself freely, shout and put out the most restrained feelings.*

Tradução: Expresse-se livremente, grite e coloque para fora os sentimentos mais contidos.

Tradução revisada: Expresse-se livremente, grite e externe/manifeste os sentimentos mais contidos.

Original: *The kid could not wait to put on the team uniform and start playing basketball.*

Tradução: A criança não via a hora de colocar o uniforme do time e começar a jogar basquete.

Tradução revisada: A criança não via a hora de vestir o uniforme do time e começar a jogar basquete.

Original: *Despite having managed to put on the socks, he had difficulty tying his sneakers.*

Tradução: Apesar de ter conseguido colocar as meias, ele teve dificuldade em amarrar os tênis.

Tradução revisada: Apesar de ter conseguido calçar as meias, ele teve dificuldade em amarrar os tênis.

Original: *It is a matter of not putting in others the guilt we carry throughout our lives.*

Tradução: Trata-se de não colocar nos outros as culpas que carregamos ao longo da vida.

Tradução revisada: Trata-se de não atribuir aos outros as culpas que carregamos ao longo da vida.

Original: *They thought it was a good idea to put up the painting the artist gave them.*

Tradução: Eles pensaram que era uma boa ideia colocar o quadro que a artista lhes deu.

Tradução revisada: Eles pensaram que era uma boa ideia pendurar o quadro que a artista lhes deu.

4.12 Erros de tradução

Erros de tradução podem ocorrer por diversos motivos, e um deles é a falta de atenção do tradutor. Algumas trocas de letras feitas pelo tradutor durante sua leitura do original podem causar situações constrangedoras tanto em uma tradução como em uma revisão. Não é incomum tradutores pensarem ter lido uma palavra quando, na verdade, por causa de uma letra diferente, a palavra é outra. Por exemplo, o caso a seguir ilustra uma tradução incorreta decorrente de uma possível falta de atenção do tradutor:

Original: *Toddlers are interested in toys and electronics and prefer to play alone. School-aged children prefer to walk with their friends and usually have a best friend. Tweens begin to demonstrate romantic interests for their peers and to engage in affective relationships, usually with schoolmates.*

Tradução: Crianças que estão começando a andar se interessam por brinquedos e aparelhos eletrônicos e preferem brincar sozinhas. Crianças em idade escolar preferem andar com seus amigos e geralmente têm um melhor amigo. Gêmeos começam a demonstrar interesses românticos por seus pares e a envolver-se em relações afetivas, em geral com colegas da escola.

Tradução revisada: Crianças que estão começando a andar se interessam por brinquedos e aparelhos eletrônicos e preferem brincar sozinhas. Crianças em idade escolar preferem andar com seus amigos e geralmente têm um melhor amigo. Pré-adolescentes começam a demonstrar interesses românticos por seus pares e a envolver-se em relações afetivas, em geral com colegas da escola.

Nesse caso, o erro está presente no texto traduzido, mas não pode se manter após a revisão da tradução, ou seja, não pode passar despercebido pelo revisor. Esse exemplo, assim como todos os outros apresentados neste trabalho, apareceu em um dos livros que eu revisava (o contexto da frase foi alterado por mim, mas o erro em si está reproduzido da forma como foi encontrado – *tweens* traduzido como “gêmeos”). Minha conduta, nesse caso em particular, foi imediatamente consultar o original, pois no momento em que li a frase constatei

que algo não fazia sentido: por que comparar crianças em idade escolar com gêmeos? Que tipo de relação se está tentando estabelecer? O contexto tem a ver com comportamentos de crianças de diferentes idades, portanto uma comparação com gêmeos parecia destoar muito do que estava sendo apresentado. Então, ao consultar o original, constatei o erro: o tradutor possivelmente leu *twins* (este sim, “gêmeos”) em vez de *tweens*. Assim, apontei no texto esse problema e sugeri um termo mais adequado, que poderia ser “pré-adolescentes”. Inseri essa observação em forma de comentário, e a questão ficaria, então, a cargo da editora, que poderia devolver o texto para o tradutor revê-lo ou ela mesma ratificar minha sugestão.

Em inglês existem expressões específicas para se referir às diferentes fases do desenvolvimento: *infant*, *toddler*, *child*, *tween*. *Child* significa criança de forma geral e é usado para se referir a uma criança desde seu nascimento até a adolescência ou pré-adolescência (PAPERBACK OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 2002). *Infant* também significa criança, mas é usado para se referir especificamente à fase antes de aprender a andar (PAPERBACK OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 2002). Já *toddler* deriva do verbo *to toddle*, que significa “andar com passos curtos e de forma desengonçada como uma criança pequena”⁷ (MERRIAN-WEBSTER DICTIONARY, 2018, tradução nossa). Não há consenso a respeito da idade que corresponde à fase representada por *tween*; alguns dicionários referem se tratar de crianças entre 11 e 12 anos (MERRIAN-WEBSTER DICTIONARY, 2018), enquanto outros apontam idades entre 8 e 12 anos (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2018). De qualquer maneira, contata-se que o exemplo apresentado mostra uma tradução incorreta do termo *tweens*, possivelmente por falta de atenção, já que parece ter havido confusão com o termo *twins*, dadas as suas semelhanças na grafia.

Particularmente nesse caso, minha revisão foi a última a ser solicitada pela editora (processo chamado de leitura final), ou seja, se o erro não fosse detectado, o material seria publicado da forma como estava. Observa-se, assim, que revisar é estar atento ao texto de forma ampla, é deixar-se absorver pela atmosfera daquilo

⁷ No original: *to walk with short tottering steps in the manner of a young child.*

que está sendo lido. O erro apresentado não é decorrente de falta de conhecimento gramatical, não é erro de regência ou de pontuação. Trata-se de um erro cometido pelo tradutor possivelmente por distração, o que acabou alterando o sentido daquele trecho e, conseqüentemente, inviabilizando o entendimento, por parte do leitor, da situação apresentada, do raciocínio que o autor do original pretendia desenvolver. Ou seja, trata-se de um erro que nenhum corretor ortográfico ou gramatical seria capaz de sinalizar – somente a leitura atenta.

4.13 Erros tipográficos

Digitações rápidas e pouco cuidadosas podem levar tradutores a cometerem diversos tipos de erros tipográficos, isto é, erros que se caracterizam pela omissão, repetição ou troca de letras de uma palavra. Os exemplos a seguir mostram traduções que contêm erros tipográficos que, se não fossem detectados pela revisão, causariam grandes constrangimentos:

Original: *The miles traveled for each age cohort were used to normalize the data.*

Tradução: As minhas rodadas para cada coorte de idade foram usadas para normalizar os dados.

Tradução revisada: As milhas rodadas para cada coorte de idade foram usadas para normalizar os dados.

Original: *The professor advised his student to better develop his research methods.*

Tradução: O professor aconselhou seu aluno a desenvolver melhor seus metidos de pesquisa.

Tradução revisada: O professor aconselhou seu aluno a desenvolver melhor seus métodos de pesquisa.

Sobre o impacto dos erros tipográficos, Mossop (2006, p. 39) assinala:

Por que um texto deve ser escrito corretamente e estar livre de erros tipográficos? Até mesmo fazer essa pergunta pode parecer estranho. A necessidade de uma ortografia correta foi introjetada em nós no ensino fundamental, e talvez nunca tenhamos pensado um pouco sobre sua razão. Erros de ortografia são ruins por causa de seu efeito no leitor. Erros ortográficos e tipográficos produzem uma impressão muito ruim. Eles sugerem que o autor e o editor são pensadores desleixados e que o editor tolera a falta de cuidado. Como resultado, os leitores podem perder a confiança no conteúdo do trabalho. Claro, não é porque há erros de ortografia que também devem existir erros nos fatos ou argumentos apresentados, mas, pelo menos subconscientemente, é o que os leitores suspeitarão. Erros ortográficos e erros de digitação também distraem e, portanto, retardam o processo de leitura. Por fim, os erros podem afetar diretamente o significado [...] Existe uma grande diferença entre adotar [*adopting*] um plano e adaptar [*adapting*] um, entre ter uma aptidão [*aptitude*] e ter uma atitude [*attitude*] (tradução nossa, grifos nossos).⁸

Os dois exemplos apresentados corroboram a reflexão de Mossop a respeito do impacto dos erros tipográficos. Como se pode observar, a simples troca de uma letra por outra (“minhas” em vez de “milhas”; “metidos” em vez de “métodos”) alterou as frases originais, comprometendo seu sentido. Não se trata de um erro que deixou a palavra incompreensível ou agramatical, mas que (talvez ainda pior) conferiu-lhe outro sentido. Nesse caso, assim como ocorreu no exemplo da seção anterior, minha leitura foi interrompida diante dessas palavras, que me pareceram estranhas ao contexto. Foi apenas por meio da consulta ao original que consegui entender a mensagem pretendida em inglês e, assim, fazer as devidas correções.

⁸ No original: *Why should a text be correctly spelled and be free of typographical errors? Even asking this question may seem odd. The need for correct spelling was drummed into us at elementary school, and we may never have given a moment's thought to its rationale. Spelling errors are bad because of the effect on the reader. Misspellings and typographical errors produce a very bad impression. They suggest that the author and editor are sloppy thinkers, and that the publisher tolerates carelessness. As a result, readers may lose confidence in the actual content of the work. Of course, it does not follow logically that if there are spelling errors, there must also be errors in the facts or arguments presented, but subconsciously at least, that is what readers will suspect. Misspellings and typos are also distracting, and therefore they slow down the reading process. Finally, typos can directly affect meaning [...] There is a big difference between adopting a plan and adapting one, between having an aptitude and having an attitude.*

4.14 Cacofonia

Cacofonia é o som desagradável, ou palavra obscena, formado pelo encontro das sílabas finais de uma palavra com as iniciais da seguinte. É preciso muito cuidado para que o texto em português não acabe originando uma cacofonia que o original não apresenta. Ao serem pronunciadas, as palavras podem soar inconvenientes e provocar constrangimento, dependendo da combinação apresentada. Trata-se de um problema comum em traduções e que pode, por vezes, passar despercebido pelo tradutor. Espera-se que o revisor de TT, por já ter bastante experiência com esse tipo de problema, tenha um “olho clínico”, treinado, para detectar essas inadequações, recorrentes tanto em textos originalmente escritos em português como em traduções. Os exemplos a seguir mostram trechos com cacofonia originada na tradução e algumas sugestões para a solução desse problema:

Original: *The patient was experiencing a psychological outbreak. Her mouth was dry, and her whole body was shaking.*

Tradução: A paciente estava apresentando um surto psicológico. A boca dela estava seca, e seu corpo inteiro tremia.

A tradução “boca dela” gera o som indesejável “cadela”. Uma alternativa que elimina esse inconveniente pode ser:

Tradução revisada: A paciente estava apresentando um surto psicológico. Sua boca estava seca, e seu corpo inteiro tremia.

Mais um exemplo de cacofonia:

Original: *In the bookstore, students paid \$ 5 for each book they bought.*

Tradução: Na livraria, os estudantes pagaram 5 dólares por cada livro que compraram.

A tradução gerou a cacofonia “porcada”, problema inexistente no original, assim como no exemplo anterior. A simples supressão de “por” elimina o problema:

Tradução revisada: Na livraria, os estudantes pagaram 5 dólares cada livro que compraram.

Outro exemplo:

Original: *The event was canceled due to unknown reasons.*

Tradução: O evento foi cancelado por razões desconhecidas.

Ao se pronunciar o trecho destacado, é possível ouvir “porra”. Desse modo, uma entre várias alternativas possíveis para evitar o problema pode ser:

Tradução revisada: O evento foi cancelado devido a razões desconhecidas.

Se a cacofonia não é detectada e resolvida pelo revisor, a tradução apresentará um problema que o original não contém. Uma estratégia útil para ajudar a identificar a cacofonia é realizar a leitura da frase em voz alta, visto que se trata de um problema que se “concretiza” na fala. No entanto, como se pode perceber com os exemplos reproduzidos, a cacofonia é muito comum, e nem sempre o leitor, interlocutor ou revisor atento consegue identificá-la. Por esse motivo, Cegalla (1999, p. 60) afirma que “evitar os cacófatos não deve tornar-se preocupação obsessiva de quem fala ou escreve, tanto mais porque alguns há que são inevitáveis”. Ainda assim, o gramático recomenda evitá-los sempre que possível e lista três estratégias que podem ajudar nessa tarefa: “substituir por sinônimos as palavras geradoras de cacofonias, mudar essas palavras de lugar na frase e alterar a estrutura da frase” (CEGALLA, 1999, p. 60). As sugestões apresentadas nos exemplos deste trabalho foram construídas com base em algumas dessas estratégias.

4.15 Falta de correspondência de tempo verbal

É preciso atenção do revisor em frases que envolvam expressões como “há” e “havia”, pois é frequente a confusão quanto aos critérios de seu uso. Por exemplo:

Original: *The girl said to the therapist that her mother had been taking antidepressants for some time due to an episode of depression.*

Tradução: A garota revelou ao terapeuta que sua mãe fazia tratamento com antidepressivos há algum tempo devido a um episódio de depressão.

Tradução revisada: A garota revelou ao terapeuta que sua mãe fazia tratamento com antidepressivos havia algum tempo devido a um episódio de depressão.

Naturalmente, há mais uma possibilidade de tradução desse exemplo. No entanto, caso se opte por utilizar a forma “fazia tratamento há/havia algum tempo”, é preciso utilizar “havia”. De acordo com Martins (1997, p. 137), “quando o verbo que acompanha *haver* está no imperfeito ou no mais-que-perfeito, deve-se usar *havia*, e não *há*” (grifos do original). O princípio é o seguinte: usa-se “havia” em vez de “há” quando o verbo que acompanha está no pretérito imperfeito (estava, fazia, era) ou no pretérito mais-que-perfeito (estivera, fizera, tinha estado, havia feito). Em caso de dúvida, pode-se usar o seguinte “macete”: substituir o verbo “haver” pelo “fazer”. Se o resultado da troca for “fazia” (e não “faz”), deve-se usar “havia” (e não “há”) – por exemplo, “Estava sem beber havia (fazia) seis meses”; “Havia (fazia) cinco anos que o time não era campeão”. É importante notar que a ação se encerrou. A forma “há” (faz) aponta que a ação verbal prossegue. Vejamos a diferença: “Havia cinco anos que o time não era campeão” (isto é, o time acabou de ganhar a competição) *versus* “Há cinco anos que o time não é campeão” (isto é, continua sem ganhar a competição) (NOGUEIRA, 2013).

4.16 Inadequações gerais em língua portuguesa

Neste último tópico, apresento algumas considerações relacionadas a inadequações gerais de TT do inglês para o português.

Algumas expressões em inglês podem levar a traduções que, apesar de estarem adequadas em relação ao termo em inglês de forma isolada – isto é, sem considerar o contexto no qual a frase está inserida –, não são apropriadas quando a frase é interpretada como um todo. Por exemplo:

Original: *Unlike you, I did not go so well in the interview.*

Tradução: Ao contrário de você, eu não fui tão bem assim na entrevista.

Tradução revisada: Diferentemente de você, eu não fui tão bem assim na entrevista.

Embora adequada quando interpretada de forma isolada, a tradução de *unlike* como “ao contrário”, nesse contexto, não é precisa e, analisada de forma mais pormenorizada, não se sustenta. “Ao contrário” significa exato oposto, ou seja, algo que se contrapõe – por exemplo, “Ao contrário do motorista que virou à esquerda, fui pela direita”. No entanto, não se sair “tão bem” em uma entrevista não significa necessariamente ir mal de todo, significa apenas que o desempenho da pessoa foi diferente do daquele interlocutor com o qual ela está conversando. Por isso, “diferentemente” é uma alternativa que veicula com mais precisão o que aconteceu nesse contexto.

Um caso parecido é apresentado no próximo exemplo. É comum encontrar traduções de *rather than* e *instead of* como “ao invés de”. Ocorre que “ao invés de” significa “ao contrário”. Dessa forma, para casos semelhantes ao apresentado anteriormente e também ao que vem a seguir, a alternativa mais apropriada de tradução é “em vez de”, que significa “em lugar de” (MANUAL GRUPO A DE PUBLICAÇÃO, 2011), como ilustra este exemplo:

Original: *Instead of elaborating a test, the teacher decided to evaluate the students differently.*

Tradução: Ao invés de elaborar uma prova, o professor decidiu avaliar os alunos de outra forma.

Tradução revisada: Em vez de elaborar uma prova, o professor decidiu avaliar os alunos de outra forma.

Evidentemente, em frases em que se estabelece uma relação de oposição, de contrariedade, é legítimo usar tanto “ao contrário de” como “ao invés de” – por exemplo, “Ao invés de entrar na sala de aula, o professor saiu”. Aos demais casos, que não expressem oposição, fica reservado o uso de “em vez de”.

Outro caso de tradução do inglês que deve ser ajustado em português se refere ao uso de expressões como *above* ou *below* utilizadas para fazer referência a alguma informação que foi apresentada anteriormente ou que será apresentada mais adiante, sobretudo em livros, revistas e/ou outros meios que reproduzam textos longos, com mais de uma página. Ocorre que o texto em inglês muitas vezes usa as expressões *above* e *below* para fazer referência a algo já apresentado anteriormente ou que será discutido mais adiante e que, no entanto, não está necessariamente acima ou abaixo da página. Muitas vezes, a informação à qual se faz referência aparecerá somente na próxima página ou, ainda, está registrada em páginas anteriores. Ocorrem, por exemplo, traduções deste tipo:

Original: *Table 1.1, presented below, shows the most prevalent diseases in newborns.*

Tradução: A Tabela 1.1, apresentada abaixo, mostra as doenças mais prevalentes em recém-nascidos.

Em livros na língua inglesa, construções como essa são muito comuns. No entanto, sempre que possível, devem ser ajustadas na tradução para o português, procurando-se mostrar precisão. São frequentes casos em que quadros e tabelas aparecem apenas na página subsequente e que, no entanto, são referenciados

usando-se a expressão *below*. Assim, entre outras opções, uma tradução mais adequada seria:

Tradução revisada: A Tabela 1.1, apresentada a seguir, mostra as doenças mais prevalentes em recém-nascidos.

Também podem ser usadas expressões como “adiante”, na “página xx”, entre outras. Questões muitas vezes externas à tradução ou à revisão de um texto podem interferir na paginação do material em português, como o projeto gráfico pensado para o livro que está sendo traduzido, a reprodução e a digitalização de figuras, bem como alterações no formato e no tamanho destas. Por esses motivos, recomenda-se atenção na tradução das expressões *above* e *below* em casos como esses.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, ao selecionar e apresentar exemplos de traduções do inglês para o português que encontro em meu trabalho como revisora, pretendi desenvolver algumas reflexões quanto ao trabalho do profissional revisor de textos. Como pode ser constatado ao longo da análise apresentada, a tradução de textos do inglês para o português apresenta desafios, alguns dos quais nem sempre o tradutor consegue dar conta. A leitura atenta de uma tradução por parte do revisor de textos é capaz de identificar problemas das mais variadas naturezas; assim, esse profissional, além de sinalizar erros e inadequações, intervém no texto de modo a imprimir-lhe mais qualidade, muitas vezes na forma de observações relacionadas a problemas como traduções literais que não funcionam, falta de fluidez do texto em língua portuguesa, erros de tradução, repetições indesejadas, ambiguidades, utilização de expressões pejorativas, entre tantos outros problemas que podem ser encontrados em traduções. Como evidenciado por meio dos exemplos apresentados, a revisão de TT é um processo complexo e que extrapola a mera correção linguística. A grande maioria – se não todos – dos casos analisados aqui mostrou questões que nenhum *software* de correção ortográfica ou gramatical identificaria como erro ou inadequação, o que atesta a imprescindibilidade do trabalho do revisor de textos traduzidos. É esse o profissional qualificado para identificar questões a serem melhoradas em um texto, a fim de torná-lo claro, tendo sempre em mente o objetivo de proporcionar um material de leitura agradável, fluente, coerente e coeso para o leitor. Como afirma Coelho Neto (2013, p. 23),

revisão exige [...] formação e habilidade específicas. Deixá-la de lado significa abdicar da qualidade. Perenizar erros e/ou incoerências não será profícuo em qualquer que seja o meio adotado para a perpetuação da produção literária, técnica ou mesmo ocasional.

A revisão é um processo fundamental para a produção de um texto de qualidade, qualquer que seja sua natureza. Da tradução até a publicação de um

livro, por exemplo, muitos são os profissionais que atuam nesse processo: tradutores, editores, revisores, diagramadores, *designers*, consultores técnicos. Todos estão propensos a cometer erros, e a revisão é a etapa da produção em que esse profissional pode e deve intervir para imprimir qualidade ao material que será publicado. O revisor é o profissional qualificado para perceber sutilezas que muitas vezes fogem à percepção de autores, tradutores, editores e diagramadores, trabalhando para aprimorar o nível de compreensão do texto. A competência linguística, a experiência, a pesquisa e a consulta a fontes confiáveis e consagradas para a resolução de dúvidas e tantos outros fatores compõem essa qualificação.

Em relação às reflexões sobre o trabalho do revisor de TT realizadas neste estudo, cabem algumas sugestões de pesquisas que de alguma forma possam servir como complemento ao que foi produzido aqui. Considerando as limitações deste trabalho, apresentadas mais detalhadamente na Metodologia, sugere-se o desenvolvimento de novos estudos que possam ampliar a análise feita neste trabalho. Ou seja, serão bem-vindas pesquisas que analisem potenciais problemas encontrados em traduções de textos literários, em textos de outros gêneros ou que façam uma análise semelhante à desenvolvida neste trabalho utilizando mais de um par de línguas, como inglês/português e espanhol/português, por exemplo, bem como outras línguas românicas e/ou latinas. Dessa forma, o desenvolvimento de uma análise desse tipo poderia ter um alcance ainda maior, uma vez que aumentaria o número de pessoas interessadas em saber mais sobre o assunto.

Assim, com a consciência de que um assunto tão amplo não é passível, nem de longe, de ser esgotado, espera-se que as considerações aqui esquadrihadas sejam uma provocação ao aprimoramento continuado e que possam contribuir para a reflexão de revisores e tradutores que buscam por estratégias para a produção de textos com maior qualidade, clareza e coesão, textos que façam sentido e sejam compreensíveis aos leitores.

REFERÊNCIAS

APA STYLE BLOG. **A little respect**, 2012. Disponível em: <<https://blog.apastyle.org/apastyle/2012/02/a-little-respect.html>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

AZENHA JR, João. Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. **Cadernos de tradução**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), v. 1, n. 1, p. 137-149, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5083>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

CARVALHAL, Tania Franco. A tradução literária. **Organon**: revista do Instituto de Letras da UFRGS. Tradução literária em exercício, Porto Alegre, v. 7, n. 20, p. 47-52, 1993. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/39381/25174>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

CARVALHO, Hugo Maciel de. **O uso da letra maiúscula em nomes de obras**. ReviseReveja, 2016? Disponível em: <<http://www.reviseveja.com.br/search/label/Letra%20mai%C3%BAscula>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CHILD. In: PAPERBACK OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 5. ed. New York: Oxford University Press Inc., 2002

COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão**: critérios para revisão textual. Brasília: Editora Senac-DF, 2013.

GUEDES, Leticia Figueiredo. **Revisão de textos**: conceituação, o papel do revisor textual e perspectivas do profissional do texto. 2013. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/7265>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**. Madrid: Cátedra, 2001.

INFANT. In: PAPERBACK OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 5. ed.
New York: Oxford University Press Inc., 2002

LOOK over one's shoulder. In: MERRIAM-WEBSTER Dictionary. Disponível em:
<<https://www.merriam-webster.com/dictionary/look%20over%20one's%20shoulder>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

MANUAL GRUPO A DE PUBLICAÇÃO. 3. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

MARIA COELHO, Sueli; BATISTA ANTUNES, Leandra. Revisão textual: para além da revisão linguística. **Scripta**, [S.l.], v. 14, n. 26, p. 205-224, jul. 2010. ISSN 2358-3428. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4361/4506>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

MARTINS, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MOSSOP, Brian. **Revising and editing for translators** (Translation Practices Explained). 2. ed. Manchester, United Kingdom: St. Jerome Publishing, 2006.

NOGUEIRA, Sérgio. **Haver, há, havia... não há quem não tenha dúvidas**. Câmera educação, 2013. Disponível em:
<<http://redeglobo.globo.com/sp/tvtribuna/camera-educacao/platb/2013/09/05/haver-ha-havia-nao-ha-quem-nao-tenha-duvidas/>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

PARRA GALIANO, Silvia. Propuesta metodológica para la revisión de traducciones: principios generales y parâmetros. **TRANS: Revista de Traductología**, n. 11, p. 197-214, 2007. Disponível em:
<http://www.trans.uma.es/pdf/Trans_11/T.197-214Galiano.pdf>. Acesso em 08 nov. 2018.

PINKER, Steven. **Guia de escrita**: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016.

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. **Competência tradutória**: a conversão do tradutor em revisor. *Revista de Letras*, v. 2, n. 33, jul/dez, p. 65-74, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2134/1610>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

ROTHER, Edna Terezinha. O papel da normalização nas publicações científicas. **Rev. bras. oftalmol.**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 4, p. 225-226, ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72802007000400001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 out. 2018.

TODDLE. In: MERRIAM-WEBSTER Dictionary. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/toddle>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

TWEEN. In: CAMBRIDGE Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/tween>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

TWEEN. In: MERRIAM-WEBSTER Dictionary. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/toddle>>. Acesso em: 13 nov. 2018.